



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA – PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA – MPB

VAGNER DA ROSA AMARO

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS:
REVENDO CONCEITOS, REPENSANDO PRÁTICAS.

Rio de Janeiro

2017

VAGNER DA ROSA AMARO

MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS: REVENDO
CONCEITOS, REPENSANDO PRÁTICAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGB – UNIRIO), como requisito parcial para obtenção do título em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Patrícia Vargas Alencar

Rio de Janeiro

2017

A485m Amaro, Vagner da Rosa, 1977-
Mediação da leitura em bibliotecas: revendo conceitos,
repensando práticas. / Vagner da Rosa Amaro. – 2017.
101 f.; 30 cm.

Orientadora: Patrícia Vargas Alencar
Dissertação (Mestrado profissional em Biblioteconomia) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de
Janeiro, 2017.

1. Mediação da leitura I. Título

CDD – 371.4

VAGNER DA ROSA AMARO

Mediação da leitura em bibliotecas: revendo conceitos, repensando práticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGB – UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovada em ____/ ____/ ____.

Prof.^a. Dr.^a Patrícia Vargas Alencar (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof.^a. Dr. Alberto Calil Elias Junior - Membro Titular
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof.^a. Dr.^a Elisa Campos Machado – Membro Suplente
Universidade de São Paulo - USP

Prof.^a. Dr.^a Marli Hermenegilda Pereira - Membro Titular
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Prof.^a. Dr.^a Patrícia Ferreira Neves Ribeiro - Membro Suplente
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

*À minha mãe, Neiva Ramos da Rosa, por tudo.
Ao meu irmão, Luis Paulo da Rosa Amaro, in memoriam.*

AGRADECIMENTOS

À professora Patrícia Vargas Alencar, pelas orientações e ensinamentos.

Aos professores Alberto Calil Elias Junior e Marli Hermenegilda Pereira, pelas contribuições no momento da qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Aos bibliotecários da rede Sesc de bibliotecas, que contribuíram com esta pesquisa.

Aos mediadores de leitura que contribuíram com esta pesquisa.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”
José Saramago, do livro Ensaio sobre a cegueira.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a mediação da leitura realizada pela rede de bibliotecas do Sesc - Serviço Social do Comércio -, com vistas a verificar os impactos das atividades que incentivam à leitura literária e a refletir sobre o papel do bibliotecário como promotor dessas atividades. Seu objetivo geral é investigar as ações de mediação da leitura realizadas pela rede de bibliotecas do Sesc e seus reflexos no público participante. Aborda os conceitos de mediação da leitura, letramento, letramento literário, letramento informacional e multiletramentos (Almeida Júnior, 2007; Soares, 2001; Cosson, 2014; Gasque, 2010; Rojo, 1998). É uma pesquisa do tipo exploratória e descritiva. A análise dos dados mostra que as atividades são bem avaliadas pelos participantes, embora a reação motivadora para a leitura de livros envolva um conjunto de outras ações, e que deve haver um investimento qualitativo na formação dos bibliotecários na função de mediadores de leitura para o aprimoramento de suas práticas. Esta pesquisa poderá contribuir para a otimização das ações de mediação da leitura realizadas pelas bibliotecas do Sesc, assim como em outras instituições.

Palavras chave: Letramento informacional; Letramento literário; Mediação da leitura.

ABSTRACT

This research investigates the mediation of the reading carried out by the libraries network of SESC - Social Service of Commerce -, in order to verify the impacts of activities that encourage literary reading and to reflect on the role of the librarian as promoter of these activities. Its general objective is to investigate the actions of mediation of the reading realized by the network of libraries of Sesc and its reflexes in the public participant. It addresses the concepts of mediation of reading, literacy, literary literacy, information literacy and multiletramentos (Almeida Junior, 2007, Soares, 2001, Cosson, 2014, Gasque, 2010 and Rojo, 1998). It is exploratory and descriptive research. The analysis of the data shows that the activities are well evaluated by the participants, although the motivating reaction to the reading of books involves a set of other actions, and that there should be a qualitative investment in the training of librarians in the role of reading mediators for the improvement of their practices. This research may contribute to the optimization of the reading mediation actions carried out by Sesc libraries, as well as in other institutions.

Keywords: Information literacy; Literary; Mediation of reading.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação

CEALE – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MINC – Ministério da Cultural

PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura

SESC – Serviço Social do Comércio

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Problemas da pesquisa e questão norteadora.....	14
1.2 Objetivos.....	14
1.2.1 Objetivos gerais.....	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
1.3 Serviço Social do Comércio –Sesc.....	16
1.4 Justificativa.....	17
1.5 Estrutura do texto de qualificação.....	20
2. QUADRO TEÓRICO	22
2.1 A mediação cultural em bibliotecas	22
2.2 A mediação da leitura em bibliotecas.....	30
2.3 Letramentos em bibliotecas.....	34
2.4 A mediação da informação em bibliotecas.....	40
3. REVISÃO DA LITERATURA	43
3.1 Pesquisas sobre mediação cultural e da leitura em bibliotecas: o estado da arte.....	43
3.2 O papel do bibliotecário como mediador da leitura e da informação	53
4. METODOLOGIA	57
4.1 Perfil das bibliotecas participantes	64
4.2 Coleta de dados.....	66
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	69
5.1 Atuação dos participantes	69
5.2 Atuação dos mediadores de leitura	73
5.3 Atuação dos bibliotecários	74
6. INDICAÇÕES PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS	78
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85

REFERÊNCIAS	88
ANEXOS	95
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA BIBLIOTECÁRIOS.....	95
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA MEDIADORES DE LEITURA.....	99
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA PARTICIPANTES.....	101

1 INTRODUÇÃO

Para a feitura deste trabalho considerou-se o resultado de pesquisas que indicam os baixos índices dos hábitos culturais dos brasileiros. A pesquisa “O hábito de lazer cultural do brasileiro”¹, de 2015, elaborada pelo Sistema Fecomércio RJ², analisou os hábitos de lazer do brasileiro relacionados à cultura, sendo eles: ler um livro, assistir a um filme no cinema, visitar exposições, ir ao teatro e ir a espetáculos de dança. O levantamento, de abrangência nacional, que procurou compreender os motivos que levam ou não a buscar por essas atividades e a avaliação dos consumidores sobre sua participação no ambiente cultural, obteve como um dos resultados que a leitura é o programa cultural para qual a falta de hábito é mais frequente.

Como contrapartida para os baixos índices de consumo de atividades culturais dos brasileiros, surgiram, nos últimos anos, algumas ações como o vale-cultura, do Ministério da Cultura, que oferece um benefício de R\$50,00(cinquenta reais) mensais, concedido pelo empregador para os trabalhadores, para a compra de produtos culturais. Segundo informações do Ministério da Cultura (MINC, 2016), desde 2013 – início do programa, 65,7% do consumo com o benefício foi direcionado para aquisição de livros. Pode-se citar também o PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura (MINC, 2013), instituído em 2006, com diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), e que, segundo o MINC (2013), leva em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Segundo o decreto de Nº 7.559, de 2011, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, estas instâncias têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável.

Neste cenário de ações voltadas para o desenvolvimento do hábito da leitura, no campo das instituições privadas, destaca-se o trabalho realizado pelo Sesc - Serviço Social do Comércio, que investe em criação de bibliotecas e renovação de acervos. Em 2016, a instituição possuía uma rede com 354 bibliotecas fixas, distribuídas em diversas cidades brasileiras. Acrescenta-se que o Sesc, a partir da década de 80, passou a realizar atividades de mediação da leitura.

¹ Pesquisa Hábito de lazer cultural do brasileiro, encomendada a Ipsos Public Affairs.

² O sistema Fecomércio RJ abrange Fecomércio, Sesc Rio e Senac Rio.

Este trabalho volta-se para a investigação das ações de mediações da leitura realizadas pelo Sesc, por entender sua importância como colaboradora para o maior envolvimento dos brasileiros com o hábito da leitura.

1.1 – Problemas da pesquisa e questão norteadora

A experiência de 12 anos trabalhando como bibliotecário da rede de bibliotecas do Sesc me possibilitou a percepção de que as atividades das quais a instituição se utiliza para promover o hábito de leitura possuem algumas características comuns. No entanto, também, foi possível observar, que em muitos casos, estas atividades, embora representassem um momento de fruição literária, não se configuravam como eficazes para o aumento do envolvimento de todos os participantes com a leitura literária. Ou seja, mesmo tendo disponível o acervo das bibliotecas para o empréstimo, muitos dos participantes não aumentavam o envolvimento com a leitura por terem participado destas atividades. Durante o período em que trabalhei no Sesc desenvolvi projetos, programas e eventos de promoção da literatura e mediação da leitura que abarcavam as mais diferentes linguagens, como a literatura, a narração, o cinema, o cinema documentários, a música, performances, atividades com uso de recursos digitais, além de seminários, colóquios, encontros literários, rodas de leitura, círculos e clubes de leitura, organização de publicações, exposições em plataformas diversas. Destas atividades destaco: em 2006, o projeto Conexões Literárias que integrou encontros com escritores, exibição de filmes, contação de histórias e exposições. Em 2007, a programação de Literatura do Festival de Inverno, que relacionava poesia, música e cinema, além da programação de encontros literários no estande do Sesc Rio na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Já em 2009, na Escola Sesc de Ensino Médio, idealizei a Festa Literária Escolar, com diversas atividades de leitura e com a equipe de Sociologia uma Mostra de documentários que trabalhava com os alunos conteúdos de leitura, pesquisa e cinema, além de um clube de leitura. Em 2011 dei início ao Encontro de Bibliotecas Escolares, para debater com profissionais da área caminhos para a melhoria destas bibliotecas e também foi ano em que organizei o livro Machado de Assis por jovens leitores, como resultado da oficina do clube de leitura e como forma de divulgação da metodologia do clube e da obra do autor. Neste ano, também, foi possível realizar um trabalho social de mediação da leitura com os alunos de Ensino Médio da Escola e os jovens da comunidade do entorno da escola. Em 2012, mesmo dando continuidade aos projetos já desenvolvidos, idealizei o Seminário de Memória para trabalhar o tema da memória no Ensino Médio. 2013 foi o ano em que

organizei o livro Lima Barreto por jovens leitores e iniciei com a equipe de História o desenvolvimento de uma Revista de Educação voltada para o Ensino Médio, além de realizar a criação de bibliotecas comunitárias em comunidades do entorno da escola. Estes projetos sempre foram realizados em diálogo com outras atividades desenvolvidas pela biblioteca, como encontros com escritores, capacitações de auxiliares de bibliotecas comunitárias, treinamentos em pesquisa e a administração da biblioteca como um todo, e são relatados neste trabalho para pontuar de que perspectiva lanço meu olhar e minha investigação para as ações de mediação da leitura realizadas pelo Sesc, objeto desta pesquisa. .

Questiona-se se a formação dos bibliotecários contempla os conteúdos necessários para a realização de ações de mediação da leitura e em que medida as ações de mediação da leitura realizadas por bibliotecas - tais como: rodas de leitura, contação de histórias, exposições literárias, mostra de filmes, oficinas literárias, encontro com autores, apresentações teatrais, apresentações musicais, palestras e feiras, festas e festivais literários - estimulam os participantes a lerem livros literários, conseqüentemente, a utilizarem mais o serviço de empréstimo de livros das bibliotecas.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Investigar as ações de mediação da leitura realizadas pela rede de bibliotecas do Sesc e seus reflexos no público participante.

1.2.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre o papel do bibliotecário como promotor das atividades de mediação da leitura.
- Analisar em que medida as atividades de mediação da leitura, realizadas por bibliotecas, potencializam o envolvimento dos participantes com a leitura literária e com o uso de seus acervos, com vistas a saber, a partir da literatura da área, se o incremento das práticas de leitura contribui para o desenvolvimento de habilidades informacionais.
- Apresentar parâmetros para as atividades de mediação da leitura, com base na análise das contribuições de tais atividades para o letramento literário e informacional.

1.3 Serviço Social do Comércio

O Sesc, segundo informações colhidas em seu site institucional³, é entidade privada sem fins lucrativos, com objetivos sociais e tem como principal missão proporcionar bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo, suas famílias e à sociedade em geral. Seu Departamento Nacional, localizado no Rio de Janeiro, é o órgão normativo que elabora as diretrizes gerais da entidade e suas políticas de ações, assistindo os projetos desenvolvidos pelos Departamentos Regionais. É também o órgão executivo do Conselho Nacional do Sesc, que se reúne periodicamente para definir o direcionamento e coordenar as linhas de ação da entidade. Os Departamentos Regionais privilegiam as formas de expressão populares e os contextos locais, e criam suas próprias atividades permanentes e contínuas.

Um dos eixos fundamentais para a entidade é a educação como meio de transformação, estando ela presente em projetos de todos os programas (cultura, educação, saúde, lazer, assistência). Com relação à saúde, o Sesc desenvolve ações que promovem o bem-estar e a prevenção, e que orientam os comerciários, seus familiares e o público em geral a adotar hábitos que levem a uma vida saudável. A cultura é outro ponto de interesse na atuação do Sesc. Com uma programação, em boa parte gratuita, o trabalho da instituição em Cultura compreende projetos que não encontram espaço em circuitos comerciais, fomentando um universo de produções culturais existentes fora desse eixo. Ao valorizar o Lazer, a instituição integra educação, recreação, esporte e turismo social em suas ações com o objetivo de dar oportunidades de desenvolvimento físico, emocional e intelectual aos participantes.

Na área de biblioteca, além das atividades de mediação, o Sesc também realiza o trabalho de empréstimo de livros em bibliotecas fixas e ambulantes. Com a mediação da leitura e a oferta de um acervo qualificado em literatura, a instituição objetiva contribuir para promover o acesso democrático à informação, ampliar o acesso ao livro, formar leitores, promover uma melhor qualidade de vida por intermédio da informação, encurtar a distância entre o livro e o leitor e estimular o pensamento crítico, a criatividade e o prazer pela leitura. As bibliotecas do Sesc desenvolvem ações como cafés literários, rodas de leitura, exposições, clubes de leitura, oficinas, narração de histórias, mostra de filmes, feiras e festas literárias.

Na década de 90, motivados por avaliações em relação aos serviços prestados pelas bibliotecas em relação à mediação da leitura, a instituição criou a área de Literatura, com

³ www.sesc.com.br

técnicos formados em Letras para aprimorarem as práticas de incentivo à leitura e promoção da literatura. No entanto, como não foram contratados técnicos para todas as unidades, este trabalho ainda é realizado na maioria das bibliotecas da rede pelo bibliotecário.

O documento norteador das ações de biblioteca do Sesc⁴, de 2015, informa que como produto de constante reflexão acerca dos temas que circundam as dificuldades de acesso ao livro no Brasil, a rede de bibliotecas do Sesc consolidou, ao longo dos anos, um significativo repertório de boas práticas no ramo da formação de leitores — práticas de mediação de leitura transformadoras, visando à formação do leitor crítico. Desse repertório, destacam-se as sessões de narração de histórias para crianças, desde a mais tenra idade, os encontros com escritores com sessões de autógrafos e as rodas e clubes de leitura. O documento norteador informa que não é recomendado para as bibliotecas, a realização de programações sem vinculação alguma com livros ou narrativas literárias, nem a utilização da leitura com o propósito de chegar a atividades complementares tais como desenho ou dramatização. O propósito de tais atividades deve ser sempre a fruição prazerosa da leitura. Este documento informa que nas bibliotecas fixas da rede as ações de mediação de leitura são consideradas atividade meio e o atendimento para consulta e empréstimo de publicações como atividades fim.

1.4 Justificativa

A função social das bibliotecas como mediadora da leitura foi ampliada devido às transformações da sociedade ocorridas nas últimas décadas, das quais se destacam o advento das novas tecnologias de informação e comunicação, a globalização, as mobilidades sociais e o surgimento e aumento das possibilidades de acesso aos novos dispositivos para escrita e leitura. Estes acontecimentos promoveram no indivíduo efeitos conflitantes. Por um lado, vimos o aumento da democratização ao acesso à informação e seus mecanismos de produção, por outro, as habilidades para localizar, avaliar e usar a informação em favor do pensamento crítico se tornaram mais complexas. No Brasil, acrescenta-se a esta complexidade o baixo número de indivíduos que possuem hábitos de participação em atividades culturais, como ler um livro, ir ao cinema ou teatro. Segundo o estudo “O hábito de lazer cultural do brasileiro”, do Fecomércio RJ/Ipsos, realizado com 1.200 consumidores, em 72 municípios brasileiros, 47% dos brasileiros não realizaram nenhum programa de lazer cultural em 2015. No mesmo período, os números sobre a quantidade de brasileiros que fazem uso de recursos tecnológicos

⁴ Modelo de biblioteca. Documento elaborado pelos bibliotecários do Departamento Nacional do Sesc.

de informação e de comunicação impressionam se comparados aos hábitos de leitura literária. Dados da pesquisa TIC Domicílios 2015⁵ – que estuda o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros - vêm registrando uma tendência de crescimento do número de usuários brasileiros de Internet, que em 2015 alcançou a estimativa de 102 milhões de indivíduos. Este número correspondia a 58% da população brasileira com 10 anos ou mais (proporção que era de 34% em 2008). Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia⁶ – hábitos de consumo de mídia pela população brasileira, de 2015, 48% dos brasileiros usavam a internet, entre esses 92% estavam conectados por meio de redes sociais, principalmente o Facebook (83%), o WhatsApp (58%) e o Youtube (17%).

Esses dados revelam que a escrita e a leitura, mediada por dispositivos eletrônicos, são práticas constantes em cerca de metade da população brasileira, que, segundo projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em dezembro de 2016, se estima ser de 206.851.985 milhões de indivíduos. Estes dados, quando confrontados com os de escolarização, de analfabetismo funcional e de letramento, possibilitam a observação de um fenômeno: embora um número significativo de jovens e adultos e, em menor escala, de crianças façam uso de dispositivos eletrônicos para se comunicar (ler e escrever especialmente), a maioria da população brasileira não faz uso das práticas de escrita e leitura mais valorizadas socialmente.

De acordo com a pesquisa TIC domicílios, em 2015, 35% dos usuários de Internet acessaram a rede apenas pelo telefone celular, o que traz desafios importantes para o desenvolvimento de habilidades digitais. Entre os usuários de Internet que acessam apenas por telefone celular, a proporção dos que realizam atividades on-line relativas ao trabalho ou a governo eletrônico, por exemplo, é menor do que aqueles usuários que acessam a rede também por computadores. Os menos favorecidos socialmente, usam os dispositivos eletrônicos para realizar atividades de menor complexidade. As atividades que pressupõem habilidades digitais mais complexas, demandam maior apropriação das novas tecnologias e de aplicações, logo, compreende-se que o baixo nível de leitura e escrita da parcela da população que faz uso exclusivo dos dispositivos eletrônicos para se comunicar (lendo e escrevendo), somado ao fato de que fazem uso da Internet pelo telefone celular, com as restrições já apontadas, impacta nas possibilidades que o uso da Internet poderia trazer para o maior envolvimento de parcela da população brasileira com a escrita e a leitura mais valorizadas socialmente.

⁵ Disponível em: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>

⁶ Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>

No Brasil, segundo os dados do “Relatório de Desenvolvimento Humano” divulgado pelo Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)⁷ e que têm como base o período de 2005 a 2012, 46,4% da população (mais de 90 milhões de pessoas) acima dos 25 anos de idade não têm o ensino médio completo, 9% da população (18 milhões de pessoas acima de 12 anos) não são alfabetizados. Para melhor entendimento desta relação entre conteúdos mais valorizados socialmente e uso das novas tecnologias para escrita e leitura, convém apontar também as taxas de analfabetismo funcional, que dizem respeito aos indivíduos que conseguem reconhecer letras e números, mas não conseguem compreender textos simples e realizar operações matemáticas mais elaboradas.

Segundo estudo de 2015, “Indicador de alfabetismo funcional – INAF: estudo especial sobre alfabetismo e o mundo do trabalho”⁸, do Instituto Paulo Montenegro e da ONG Ação Educativa, em 2015, a taxa de analfabetos funcionais era de 27% dos brasileiros, entre 15 e 64, e de 4% para os brasileiros analfabetos totais. Outra pesquisa, Retratos da Leitura no Brasil⁹, realizada pelo Instituto Pró-livro, com pessoas entre 15 e 64 anos, apontou que 44% da população brasileira é classificada como não leitora de livros.

O analfabetismo funcional é um dos itens para avaliação do índice de desenvolvimento humano de um país. Partindo do princípio de que a leitura é um instrumento de transformação social, as bibliotecas se inserem como relevantes equipamentos institucionais para este fim, atentando-se para que não basta a oferta da estrutura física e de um bom acervo, pois, como informa a literatura da área, ações de mediação são necessárias para aproximar e envolver o público com a leitura, como também para aprimorar suas capacidades leitoras.

Diante dos dados apresentados, reflete-se que uma parcela significativa da população, mesmo que fazendo uso da leitura e da escrita como práticas sociais, prerrogativas do letramento, não acessam textos mais elaborados e quando o fazem, não os compreendem. O que leva a reflexão e a investigação sobre a importância de trabalhos que possam colaborar com o aperfeiçoamento das práticas de leitura e escrita destes indivíduos, compreendendo que o pouquíssimo capital educacional e de leitura os colocam na situação em que, daquilo que leem, pouco entendem e escrevem sobre o que não compreendem.

⁷ Relatório do Desenvolvimento Humano. Disponível em:
http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf

⁸ Indicador de alfabetismo funcional – INAF: estudo especial sobre alfabetismo e o mundo do trabalho. Disponível em: file:///C:/Users/fcojo/Downloads/INAFEstudiosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf

⁹ Retratos da leitura no Brasil. Disponível em:
http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

Neste sentido, destaca-se a escolha desta pesquisa pela análise do trabalho desenvolvido pelo Sesc - Serviço Social do Comércio, que através da sua rede de bibliotecas fixas, hoje com 305 unidades, realiza, há cerca de 30 anos, ações de mediação de leitura.

Aumentar o número de leitores e aprimorar hábitos de leitura fazem parte dos compromissos do Serviço Social do Comércio, pela instituição entender que a leitura é um dos caminhos para o alcance da cidadania. O Sesc realiza atividades de promoção da leitura há 30 anos e possui uma rede de bibliotecas fixas e ambulantes e salas de leitura com 354 espaços espalhados pelo Brasil, em todos os Estados. Os bibliotecários destas unidades são responsáveis, em alguns casos em parceria com os técnicos de literatura, por programar atividades de mediação da leitura, tendo como objetivo principal o incentivo à leitura, com destaque para a leitura literária. Por ser uma das primeiras instituições a terem bibliotecas como produtoras destas atividades e pela abrangência de sua rede de bibliotecas, presente em todos os estados brasileiros e Distrito Federal, o Sesc foi a instituição selecionada para que a pesquisa seja aplicada, compreendendo que retratar como o Sesc incentiva à leitura, pela sua capilaridade, tradição e abrangência de atuação é também retratar, mesmo que parcialmente, como ações de mediação de leitura são realizadas no Brasil. Um estudo sobre atividades de mediação da leitura desempenhadas pelo Sesc pode ampliar o debate sobre o tema e promover a “expertise” de uma instituição que há tantos anos se dedica ao assunto.

Esta Dissertação se insere na Linha de Pesquisa “Biblioteconomia, Cultura e Sociedade”, do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da UNIRIO. Une-se aos trabalhos que já investigaram as práticas de mediação em bibliotecas e poderá contribuir para que outras instituições que também se dedicam à mediação da leitura possam aprimorar suas práticas. Os resultados desta pesquisa, analisados à luz das teorias mais atuais sobre o tema, podem promover ajustes para uma prática de mediação mais coerente com as necessidades do leitor atual – daí a sua relevância.

1.5 Estrutura do texto de qualificação

Esta dissertação está organizada da seguinte forma: na seção 2, apresenta-se o quadro teórico em que a pesquisa está inserida, em que revemos os conceitos de mediação da leitura (Rasteli, 2013), mediação cultural e mediação da informação (Rasteli, 2013; Almeida Júnior 2014), letramento (Soares, 2001), letramento informacional (Gasque, 2010), e letramento literário (Cosson, 2014) e multiletramentos (Rojo, 1998), a partir das asserções dos teóricos

mais relevantes na área. Trata-se da mediação da leitura e sua relação com o letramento informacional e da mediação cultural como atividades colaborativas para o desenvolvimento de habilidades informacionais. Na seção 3, faz-se uma revisão da literatura, apontando os trabalhos mais relevantes sobre o tema mediação da leitura. Discorre-se sobre os trabalhos que abordaram o papel do bibliotecário como mediador da leitura e como promotor do letramento informacional e trabalhos que demonstram como a sistematização das práticas de mediação podem contribuir para a melhoria dos resultados alcançados. A seção 4 trata da metodologia, informa o tipo de pesquisa e descreve cada processo metodológico realizado para se alcançar o objetivo. Aborda-se o universo da pesquisa, a coleta e o tratamento dos dados. Na seção 5, descrevemos e analisamos os dados à luz do quadro teórico, bem como, confrontamos nossos resultados com os de outras pesquisas da área no tocante ao foco de nosso trabalho. Em seguida, apresentamos nossas considerações finais.

2. QUADRO TEÓRICO

2.1 Mediação cultural em bibliotecas

Para esta pesquisa, quando se define mediação cultural em bibliotecas, trata-se de atividades de leitura realizadas por meio de atividades artísticas e educativas. Convém rever alguns conceitos em que o trabalho se baseia para construir o entendimento de que as atividades culturais realizadas em bibliotecas são mediações culturais. Para isso, cabe definir, dentre a diversidade de conceitos de cultura, ora mais amplos, ora mais específicos, qual mais se adequa a esta pesquisa. Sendo o objeto deste estudo a mediação da leitura em bibliotecas, com destaque para a leitura literária, que possui como objeto uma manifestação artística, que é a literatura, considera-se a mediação da leitura literária como uma mediação cultural, e parte-se para a definição de cultura, buscando um melhor delineamento do campo de estudo. Na definição de Coelho (1997, p. 104) cultura está enquadrada dentro de um conceito amplo:

A cultura não se caracteriza apenas pela gama de atividades ou objetos tradicionalmente chamados culturais, de natureza espiritual ou abstrata, mas apresenta-se sob a forma de diferentes manifestações que integram um vasto e intrincado sistema de comunicações. Assim, o termo cultura continua apontado para atividades determinadas do ser humano, que não se restringem as tradicionais (literatura, pintura, cinema - em suma, as que se apresentam sob forma estética), mas se abrem para a rede de significações ou linguagens, incluindo tanto a cultura popular, como a publicidade, moda, comportamento, atitude, festas, consumo, etc.

Muylaert (1993, p. 17) reforça a amplitude do conceito de cultura ao afirmar que cultura, tal e qual os cientistas sociais a concebem, refere-se ao modo de vida de um povo, em toda sua extensão e complexidade, sendo um conceito que procura designar uma estrutura social no campo das ideias, das crenças, costumes, artes, linguagem, moral, direito, leis, etc. Essas definições nos mostram a enorme diversidade sobre o significado de cultura. Fisher (1988, p. 41) mostra a dificuldade para se definir cultura nos dias de hoje:

Estamos em uma época em que as definições de cultura proliferam até o paroxismo, contando-se as centenas. Por um lado, elas se impregnam das mais diversas significações libertárias, em nome da preservação da identidade das mais variadas minorias e de tudo quanto pareça atitude progressista. Por outro lado, como efeito final de décadas e décadas de rupturas promovidas pelas vanguardas em quase todos os segmentos artísticos, ultrapassou-se o limite mínimo de consenso quanto ao que seja valor estético. Tudo pode ser arte e nada é arte.

Para uma melhor definição de que material cultural é mediado nas bibliotecas,

restringem-se os vários significados atribuídos à cultura ao de transmissora de ideias e valores através de expressões artísticas, pois é dentro deste conceito que está sua relação com estas mediações, que se utiliza de expressões diversas, tais como o cinema, o teatro, as intervenções e artes plásticas para promover a leitura. Santos (1989, p. 35) fala das manifestações artísticas a que cultura está associada, e são estas manifestações que vêm ao encontro dos objetivos deste trabalho:

Ela está associada a educação, formação escolar. Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente as manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura, ou identificá-la aos meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema, a televisão, ou as tradições, lendas, crenças, modo de vestir, comida, idioma.

A partir deste delineamento sobre o conceito de cultura, inicia-se a revisão teórica no que diz respeito a mediação e à prática da mediação cultural. Gellereau (2006) informa que a mediação pode ser entendida sob dois prismas: o da relação com um sistema, exemplo a mediação social ou da construção de sentido (o processo interpretativo). Seja numa ou noutra acepção, a mediação implica sempre em acompanhamento, controle e negociação por um terceiro, enquanto um sujeito que se beneficia de um processo de mediação é levado a aprofundar o seu próprio ponto de vista e a descobrir outros. Sob o ângulo da construção de sentidos, a noção se fundamenta no fato de que os sentidos não são imanentes aos objetos, mas são construídos processualmente por sujeitos interpretantes, com apoio de linguagens e dispositivos. Um dos pontos de investigação para a elaboração desta dissertação foi se as negociações e controles executados por bibliotecários nas atividades de mediação afetam os resultados das atividades executadas. Como o termo mediação aparece como objeto de estudo em diversas áreas, tais como, Direito, Educação, Comunicação e Ciência da Informação. Optou-se por definir como são conceituados em cada área afim de verificar, quando houverem, aproximações conceituais e enriquecer o entendimento de como pode-se pensar em padrões mínimos para o processo de mediação que é realizado em bibliotecas.

Na área jurídica, segundo Bedê, Ferenc e Ruiz (2008) a mediação é um meio alternativo de solução de controvérsias, de resolução de conflitos, se utilizando de um conjunto, coerente, de técnicas baseadas em conhecimentos interdisciplinares, em especial, da psicologia da comunicação, da negociação e do direito, por meio das quais, um profissional, terceiro no processo, imparcial e neutro, auxilia as partes a entenderem os seus conflitos e a encontrarem os seus reais interesses. Não existe litigância na mediação. O mediador, por meio de conhecimentos e técnicas apropriadas, induz as partes a encontrarem a solução para a

questão conflituosa. Percebe-se neste caso, de que não se trata do tipo de mediação entre um conteúdo cultural e um indivíduo, e sim entre dois indivíduos com objetivos conflitantes, o que não corresponde aos objetivos dessa investigação. Já na área de Educação, o termo mediação tornou-se mais conhecido pela influência da abordagem histórico-cultural nos cursos de formação de professores, em que a mediação é estudada, tendo como seu teórico mais representativo o Vygotsky. Para Berni (2016) a teoria sobre mediação de Vygotsky informa que na apropriação dos mediadores culturais está a essência do processo de desenvolvimento psíquico, pois as atividades mentais e formas de pensamento se objetivam em forma de conhecimentos sistematizados – “linguagem; vários sistemas de contagem; técnicas mnemônicas; sistemas de símbolos algébricos; obras de arte; escrita, esquemas, diagramas, mapas, e desenhos mecânicos; todo tipo de sinais convencionais”, ou seja ao se apropriar desses conhecimentos cada ser humano incorpora o desenvolvimento intelectual e ideal neles presentes. Assim, segundo a teoria de Vygotsky, pode-se dizer que o desenvolvimento de cada sujeito ocorre à medida que ele se apropria da experiência acumulada pela humanidade, o que significa afirmar que o essencial nesse processo é a apropriação dos produtos materiais e intelectuais. Berni (2016) alerta que se no contexto escolar, esse aspecto não for considerado, corre-se o risco de privilegiar a mediação – que para a Teoria Histórico-Cultural é um meio de se chegar à apropriação dos mediadores culturais – como o fim da atividade educativa. Neste ponto pode-se considerar a importância de se avaliar as atividades de mediação da leitura, ora aqui pesquisadas, considerando que ela é apenas um meio, tornando-se essencial a avaliação dos seus resultados. A palavra mediação, segundo Lalande (1993) refere-se ao adjetivo inglês *mediate*, do qual se originou o substantivo *médiation* e seus derivados, como *intermediation*. No francês a origem vem de *mediat* que, em seguida, tornou-se *médiation*. Sobre mediação não ser um conceito não consensualizado Signates (1998) afirma que o conceito de mediação procede principalmente de duas vertentes filosóficas: a idealista, de origem cristã, e a hegeliana, bem como a tradição marxista. Tais vertentes são, obviamente distintas, a primeira ligando-se sobretudo à herança teológica (mediação do Cristo entre Deus e o mundo; mediação dos santos entre os pecadores e Deus) e, em seguida, tomando-se corrente no existencialismo, e a segunda, numa preocupação específica de explicar os vínculos dialéticos entre categorias separadas. Estas orientações, às vezes, se tocam, como parece ser o caso do quase insuperável problema do dualismo, que o conceito implica. No entanto, cabe destacar que um dos pontos de aproximação das noções sobre mediação é a figura do intermediário, que nesse estudo é representada pelo bibliotecário e pelos mediadores de leitura. A falta de consenso sobre

mediação é apontada por Signates (1998, p.37) como presente nos Estudos Culturais, quando afirma que:

Apenas a abundância de citações e usos do verbo mediar e dos termos mediação e mediador nos textos referentes aos estudos recentes de recepção na América Latina já seria suficiente para demonstrar a importância desse conceito na reflexão contemporânea sobre essa relevante área da pesquisa em comunicação. Devido a esse uso continuado, seria de se esperar que a palavra mediação remetesse a um significado claro, consensualizado entre os diversos autores e pesquisadores, e a operadores metodológicos cujas possibilidades e limites fossem minimamente conhecidos. Por incrível que possa parecer, não é isso o que acontece. O próprio Martín-Barbero, em sua obra principal, *De los medios a las mediaciones* (1987), apesar de utilizá-lo no próprio título, não o define claramente.

Apesar de algumas imprecisões, o estudo das mediações culturais, iniciado por um campo de investigação denominado Cultural Studies é o que mais se aproxima das investigações deste trabalho. Segundo Matterlart (2005) o Cultural Studies foi uma linha de pensamento que se desenvolveu nos anos 60 e 70 e teve sua origem nos estudos de crítica literária de Frank Raymond Leavis (1985-1978), publicado nos anos 30 e que serviu como guia contra a cultura comercial. Para Matterlart (2005) outra obra de referência do Cultural Studies foi a do filósofo italiano Antonio Gramsci, que contribuiu com a noção de hegemonia, como capacidade de um grupo social de assumir a direção intelectual e moral sobre a sociedade, sua capacidade de construir em torno de seu projeto um novo sistema de alianças sociais, um novo bloco histórico. A noção de hegemonia desloca-se da de classe dominante, cujo poder residiria inteiramente em sua capacidade às fontes de poder econômico. Na análise do poder, introduz a necessidade de considerar negociações, compromissos e mediações. Destaca-se também, conforme afirma Matterlart (2005), o trabalho de Stuart Hall sobre o teor ideológico da mídia, propondo uma forma diferente de pesquisa crítica sobre os meios de comunicação de massa. Almeida (2012) afirma que a consolidação dos estudos culturais se deu nos anos 70, quando o centro Birmingham foi presidido por Stuart Hall. Nesse período ficou evidente o posicionamento político de esquerda e as intervenções críticas na proposta de construção de políticas culturais populares. O autor afirma que a importância dos Cultural Studies ainda permanece exercendo influência e sua grande contribuição foi a análise crítica das indústrias culturais e dos aparelhos ideológicos de Estado, gerando uma reflexão sobre a influência e o papel estrutural dessas indústrias culturais e dos aparelhos nas formações culturais das classes populares e grupos minoritários. Para este trabalho, os Estudos Culturais trazem informações importantes para a reflexão sobre os conteúdos que são mediados nas bibliotecas e como eles se colocam em relação aos estímulos de consumo das indústrias

culturais, que tendem pautar o que mais é lido. A apropriação do “Cultural Studies” no Brasil nas áreas da informação se dá pelos programas de pós-graduação e ciência da informação nos anos de 1980, na linha de pesquisa informação, cultura e sociedade, em que o pensamento gramsciano teve papel relevante (Almeida, 2014). Nas ciências da comunicação e da informação, neste período, a perspectiva gramsciana que vê a cultura como processo de construção da hegemonia foi provavelmente o ponto de partida da construção dos conceitos de mediação cultural e de mediação da informação.

Para Almeida (2014), a mediação cultural compreende processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual – com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca de formação de públicos para a cultura ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade de cultural. Martins (2010) afirma que a mediação cultural é a ação mediadora que convoca a atitude necessária à compreensão dos diversos elementos da cultura e da arte na contemporaneidade, passando pela estética do cotidiano, o design de objetos, móveis e embalagens, pela diversidade de narrativas, linguagens, pela multiplicidade de cores, matizes, tonalidades, traçados que hoje envolvem a vida de todos. Trata-se de um saber transitar, articular e produzir pensamento sobre e através dos signos da cultura. É necessário, cada vez mais, um trabalho de mediação que ative as sensibilidades disseminadas na pele da vida. Para Quintela (2011), o tema da mediação cultural readquiriu nas três últimas décadas muita relevância nos discursos políticos e programáticos que apelam à formação e atração de públicos para as artes e a cultura. Esse apelo, muito associado ainda aos princípios da democratização cultural, traduz igualmente as preocupações de sustentabilidade sentidas por agentes e instituições culturais, num contexto em que o poder público tende a desvincular-se do financiamento à cultura. As asserções de Martins (2010) e Quintela (2011) trazem como contribuição a percepção da importância social dos mediadores culturais para estimular as sensibilidades para a apreciação das artes, das quais a literatura está inserida. Logo, confirma-se a importância dos mediadores culturais e de leitura.

Para que esta relação de importância da mediação cultural em biblioteca possa ser explicitada, cabe apresentar como a mediação cultural em bibliotecas é conceituada na Ciência da Informação. Para Rastelli (2015) a Mediação Cultural em Bibliotecas é um objeto/fenômeno de investigação de caráter social, histórico e marcado pela técnica,

tecnologia e produção simbólica do saber. As bibliotecas podem contribuir para o desenvolvimento de políticas artísticas e culturais que promovam na comunidade a apropriação cultural. Pretende-se que a Mediação Cultural responda aos inúmeros desafios da sociedade atual, tendo em vista a grande densidade urbana, articulando formas de representação social. Dentro do sistema cultural contemporâneo, torna-se imprescindível um programa de política cultural para bibliotecas que vise o trabalho com a cultura para o desenvolvimento social. Davallon (2003) afirma que a mediação cultural pode ser definida, sem dúvida, a nível funcional: visa fazer aceder um público a obras (ou saberes) e a sua ação consiste em construir uma interface entre esses dois universos estranhos um ao outro (o do público e o, digamos, do objeto cultural) com o fim precisamente de permitir uma apropriação do segundo pelo primeiro. Mas, na prática, ela não deixa de cobrir coisas tão diversas como a prática profissional dos mediadores (de museu ou de património, por exemplo); uma forma de ação cultural por oposição à animação cultural; a construção de uma relação com a arte; produtos destinados a apresentar ou a explicar a arte ao público; etc. Podemos vê-lo, logo que ela é contextualizada, logo que ela está situada, a definição que parecia poder fazer consenso explode para designar realidades muito diferentes.

Vale ressaltar para o bom entendimento do objeto de estudo deste trabalho as distinções entre mediação cultural e ação cultural. Segundo Rasteli e Caldas (2015) as discussões envolvendo as práticas culturais em bibliotecas como alavanca do desenvolvimento social surgiram no início dos anos de 1980, sob a denominação de ação cultural. A ideia de ação cultural chegava aos espaços das bibliotecas, tomando como referência Francis Jeanson (1973), em seu trabalho *L'action culturelle dans la cité*, quando afirmava que o processo de ação cultural se resume na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim, sujeitos da cultura e não seus objetos. Neste mesmo período as ações de mediação da leitura começam a ser implementadas pelas bibliotecas do Sesc, influenciadas pela emergência das teorias de ação cultural e de letramento.

No Brasil, o conceito de ação cultural foi definido por Teixeira Coelho, autor do livro *O que é ação cultural*, para Coelho (1989) na ação cultural o agente cultural geraria um processo e não um objeto, o que levaria as pessoas a reconhecerem seus problemas, sua realidade e, abordarem-nos criticamente através da expressão cultural. Nesse sentido a ação cultural significaria fornecer os meios de produção com os quais as pessoas pudessem encontrar seus próprios fins. Em relação ao papel do bibliotecário na ação cultural, Cabral (1999) explica que a ação cultural é um rico campo de atuação que oferece ao bibliotecário inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas públicas, escolares, comunitárias e centros

culturais, sendo indiscutível sua importância tanto no sentido de dinamizá-la como de alavancar o processo de produção cultural no âmbito dessas instituições e da sociedade. Ampliando as reflexões sobre ação cultural para averiguar suas distinções com a mediação cultural, Milanesi (2002) informa que ação cultural se aplica a tipos diferentes de atividades e que raramente está associada a bibliotecas. De um modo geral suas ações giram em torno de práticas ligadas às artes: música, teatro, dança, literatura, ópera... pode ser uma exposição, um recital, um concurso literário...A qualidade do evento pode ir do amadorismo desajeitado ao mais alto grau de profissionalismo e de qualidade. Segundo Rastelli (2015) o que mais se tem observado ao longo dos anos, desde o início da década de 1980, quando tardiamente as funções culturais começam a fazer parte dos discursos biblioteconômicos no Brasil, são as realizações de atividades de animação cultural, cujos vários bibliotecários, com uma auto imagem deveras negativa, em propósito, principalmente, de sua formação deficiente e dos estereótipos seculares que lhes impingiam, sentiam-se valorizados com a expressão que virou moda, passando a se auto denominar animadores culturais. Nesse período, de acordo com Almeida (1987) a ideia de animação cultural passou a circular entre os bibliotecários justamente em um momento de crise ao se perceber que a biblioteca tinha de mudar, arejar, permitir a entrada de energia nova, combatendo a situação de desgaste entrópico em que se encontrava. Se a ideia de ação cultural trouxe novo fôlego para as práticas biblioteconômicas, renovando algumas práticas, o mesmo ainda não ocorre de forma ampliada com a mediação cultural. Para Coelho (2012) ação cultural era o sinal de tempos mais políticos e ideologizados, já mediação cultural mostrava-se isenta desse verniz ideológico, mas assumia, a vários olhos temerosos, ares intelectuais por compartilhar um mesmo espaço já marcado por profissionais liberais como os jornalistas, os professores universitários, os bibliotecários. Sobre a relação entre a ação cultural e mediação cultural, com base nos textos pesquisados, a mediação cultural estaria mais coerente com as práticas atuais de serviços executados por bibliotecas. Segundo Rastelli (2014) na contemporaneidade, a mediação cultural se organiza em torno de novos paradigmas e, necessariamente, mediante outros valores, ressaltando as bibliotecas como um dos muitos espaços de trocas simbólicas. Na mediação cultural, práticas de incentivo à leitura objetivam alavancar o processo de produção artística e cultural no âmbito das bibliotecas e de outros dispositivos presentes na sociedade, articulando diferentes experiências para que ocorra a apropriação cultural, tida como atividade de invenção, apropriação e de produção de significados. Mostafa (2012) sustenta que nos anos noventa do século XX, com a crítica ao fechamento da Ciência da Informação e da categoria Informação, passou-se a falar em Mediação cultural e a entender o conhecimento também

artístico ou cultural e não apenas informacional. Como a área da educação desenvolvia estudos socioculturais na teorização de Vigotski e as ciências sociais como um todo se apropriava dos Estudos Culturais ingleses, principalmente via Stuart Hall, a Ciência da Informação abrigou o tema das mediações culturais para pensar outros contextos e práticas de produção e circulação do conhecimento. Assim, vamos encontrar bibliotecas funcionando como centros de cultura, ou bibliotecas integradas a centros de cultura, tanto quanto encontrar bibliotecas dentro de museus ou arquivos dentro de bibliotecas, para não falar em museus ou exposições que integram, a um só tempo, processos informacionais e culturais. As bibliotecas ao criarem suas estratégias de mediação cultural em prol do incentivo a leitura, se colocam como dispositivos mediadores passíveis de avaliação mais aprofundada a luz da Ciência da Informação. O estudo dos meios e suas influências relaciona-se com os interesses de investigação da Ciência da Informação, que com outras terminologias estuda os impactos da informação do indivíduo. Bortolin (2013) afirma que o termo mediação, cada vez mais, deixa de ser domínio de uma determinada área do conhecimento ou área profissional. O Direito, a Psicologia, a Arquitetura, a Pedagogia, o Serviço Social, a Terapia Ocupacional e também a Ciência da Informação (CI) têm se apoderado desse termo adaptando-o às suas necessidades e especificidades. Nos textos da CI, é possível encontrar, entre outras, as expressões – mediação da informação, mediação cultural, mediação da leitura, mediação pós-custodial, mediação documental, mediação profissional, mediação do conhecimento, mediação do objeto cognitivo, mediação digital e mediação do espírito.

No caso da mediação da leitura em bibliotecas, entende-se que por meio de atividades culturais, este tipo de mediação pode servir como facilitadora para que os participantes construam seus próprios discursos, de forma que se tornem autores dos textos que leem. Segundo Rastelli (2013) a mediação cultural pode estabelecer-se como facilitadora do encontro entre as artes (literatura, por exemplo), num processo provocativo e instigante no âmbito do pensar e do sentir, da percepção e da imaginação. Como observam Martins e Picosque (2012), a mediação cultural pode ser um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada um. Na mediação cultural, práticas de incentivo à leitura objetivam alavancar o processo de produção artística e cultural no âmbito das bibliotecas e de outros dispositivos presentes na sociedade, articulando diferentes experiências para que ocorra a apropriação cultural, tida como atividade de invenção, apropriação e de produção de significados.

No próximo item abordaremos a mediação da leitura em bibliotecas

2.2 A mediação da leitura em bibliotecas

Muitas são as campanhas e políticas públicas de incentivo à leitura e muitos também são os atores sociais e instituições, como por exemplo o Sesc, que têm em sua linha de ação a defesa pela democratização da leitura. Neste sentido, é importante ressaltar o que é leitura e quais são as influências positivas que o envolvimento com a leitura pode trazer para o indivíduo, de forma que se justifique este empenho de tantos grupos em favor da democratização da leitura. Sobre leitura, Brito (2016) afirma que:

O vocábulo leitura corresponde, em seu sentido básico, à decifração e à intelecção de signos gráficos que representam a linguagem oral, estando as duas ações básicas de ler enunciadas nessa definição – decifrar e entender – de tal modo interligadas que uma implica a outra. Como, contudo, são distintas em seus fundamentos e qualidades (um escâner pode realizar a primeira, mas não faz a segunda; a interpretação ocorre em outras atividades humanas de que não participa a escrita), muitas vezes tem-se equivocadamente considerado que ler implica apenas uma delas.

Para Sousa (2008) a leitura enquanto habilidade desenvolvida a partir da invenção da escrita, tem se constituído uma prática social determinante no processo evolutivo dos grupamentos sociais ao longo de sua história. É através dela que os conhecimentos construídos são socializados, permitindo assim, a disseminação dos saberes acumulados pela humanidade, bem como a renovação dos mesmos, uma vez que, o ato de ler consolida o exercício contínuo de interpretação da realidade experimentada pelo homem em seu fazer cotidiano. A inserção do sujeito na cultura letrada é quase sempre garantida pela participação dele em instituições educacionais. Dentre elas, a escola assume o papel de efetivar, através da aprendizagem da leitura, competências que o habilite a agir de forma ativa e consciente no seio da sociedade em que dela participa. Segundo Caldin (2002) a leitura implica em incorporar o conhecimento; somar a experiência anterior a descobertas novas, conduzindo a questionamentos. Assim, ler é um processo contínuo, um projeto que nunca se completa, pois a cada texto lido estamos reaprendendo a ler. Para Carvalho (2001) a leitura é processo de comunicação que se estabelece entre um autor e um leitor, sendo ambos os sujeitos historicamente situados, e tendo por intermediação uma obra literária estética e ideologicamente constituída enquanto arte. Kleiman (1997) afirma que a leitura é um conjunto de processamento de três níveis de conhecimento: o conhecimento linguístico (quando o leitor compreende e atribui significados ao texto), conhecimento textual (quando percebemos se o texto é coerente ou não) e o conhecimento prévio (é o que o leitor tem sobre

o mundo em geral). Esses três níveis são ativados de forma interligada para que haja a compreensão global do texto. Essas concepções descritas esclarecem que a leitura é uma atividade interativa do ponto de vista que utiliza diferentes conhecimentos e sentidos para realizá-la.

Para que o indivíduo alcance os níveis de conhecimento processados no ato de ler, tradicionalmente, foram necessárias as adesões as instituições educacionais. Considera-se que o papel desempenhado pela biblioteca e pelos bibliotecários é um fator diferencial na colaboração para que esse ingressante nas instituições educacionais alcance os níveis de leitura que o habilite a se tornar leitor crítico. Acrescenta-se que a partir da década de 1980 os estudos e ações de promoção da leitura se intensificaram. Segundo Serra (2003) ao longo das décadas de 1980 e 1990 estudos levaram à criação de instituições, organizações e programas voltados para a questão da leitura, que têm contribuído para sua democratização em certo âmbito. No entanto, isso não evitou, conforme atestam pesquisas citadas na introdução e justificativa deste trabalho, o pouco convívio dos adultos brasileiros com a prática de leitura e escrita.

Neste cenário de esforços para o aumento da inserção de indivíduos no mundo da leitura a biblioteca escolar e suas ações possuem grande importância. Sousa (2008) afirma que dentre os espaços de aprendizagem escolar, voltada à prática da leitura, a biblioteca escolar talvez seja o que mais se utiliza desses métodos, como forma de incorporar as informações contidas no seu acervo, por meio da leitura ao conteúdo necessário à elaboração de novos conhecimentos, transmitidos em sala de aula. Para Carvalho (2002) a biblioteca, enquanto parte integrante da escola constitui-se num *locus* privilegiado de formação da cidadania via o conhecimento sistematizado e práticas sociais desenvolvidas no cotidiano do ambiente educacional. A biblioteca escolar, enquanto um local de comunicação e de acesso às informações socialmente produzidas, onde os sujeitos através de suas ações são, ao mesmo tempo, produtores e consumidores dessas informações, poderá tornar-se um laboratório de aprendizagem, o local onde se forma o leitor crítico, aquele que seguirá vida afora buscando ampliar suas experiências existenciais através da leitura.

Em muitos casos será na biblioteca escolar o primeiro contato de crianças e jovens com estímulos para sua formação como leitor, tornando-se assim um espaço privilegiado de descobrimentos, a partir das potencialidades de recepção dos variados textos, conforme aponta Yunes (2010) quando afirma que a recepção de um texto, quer ele se apresente mais fechado em seus sentidos (normas e doutrinas), quer ele se apresente mais aberto (palavra sagrada, poética), carece de um leitor curioso e estimulado para se colocar diante da palavra

alheia e descobrir a própria palavra. Neste sentido, destaca-se o papel do bibliotecário como mediador que elabore estratégias que estimulem a curiosidade dos leitores escolares. Yunes (2010) ainda destaca a importância do sentido político da leitura e por isso, ela é sempre mencionada quando se fala em formação da cidadania. Entende-se que ao descobrirmos como podemos participar da produção de sentidos para a vida e para o mundo, não é possível nos alienarmos, fugindo à condição de intérpretes. Sempre interpretamos de um lugar, de um universo de discurso que é nosso. Melhor conhecermos esse nosso lugar para estarmos aptos a nos mover quando o conflito das interpretações ou dos sentidos abrir uma perspectiva ainda não entrevista e nova, e que nos convença da sua plausibilidade ou exija que resistamos a pressões.

As asserções de Yunes (2010) apresentam a função social da leitura de forma geral, sua capacidade de emancipar o indivíduo, e guiá-lo rumo à cidadania. No entanto, tratando-se da mediação da leitura realizada pelas bibliotecas do Sesc, vale ressaltar o trabalho de curadoria que privilegia os textos literários e mais valorizados academicamente. Desta forma, destaca-se a afirmação de Castrillón (2006), que nos informa que os textos clássicos proporcionam modelos, espelhos e conformam imaginários, contribuindo com a construção da identidade.

Se a leitura literária contribui para a construção da identidade e desenvolve em nós a quota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante, como afirma Cândido (2011), mais importante se torna as responsabilidades do mediador de leitura, embora ainda existam imprecisões em relação ao termo mediação da leitura. Segundo Almeida Júnior e Bortolin (2010) há anos, vivemos à cata de conceitos de mediação da leitura. Um mediador pode ser também chamado de medianeiro ou mediatário e que ao consultar os dicionários, descobre-se que: eiro vem do latim ariu, sendo a pessoa que “exerce certo ofício, profissão ou atividade” e, tário, também de origem latina - tarius que é quem recebe, ou tem o benefício, o gozo, ou a responsabilidade de intervir nas escolhas de leitura de um determinado grupo.

Embora ainda sem definições conceituais consensuais, a mediação da leitura, para Bortolin (2010) é uma atividade da qual o bibliotecário não pode se esquivar, visto que o ato de ler precede o ato de se informar, descobrir e investigar. Portanto, a tarefa de mediar leitura é tão fundamental quanto disponibilizar documentos (impressos e eletrônicos) aos leitores de uma biblioteca. O mediador da leitura, segundo Galeano (2002) é aquele que medeia, intervém, aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o promotor da relação leitor – objeto

– leitura. Também, aquele que pode causar no sujeito o desejo pela colheita produtiva dos sentidos dos textos, descortinar o horizonte do leitor e ajudá-lo a “olhar” a “imensidão do mar” de sensações e significados advindos da linguagem, especialmente a literária. Para Rastelli É importante que pais, professores, bibliotecários e demais agentes responsáveis pela formação de leitores tenham consciência sobre os benefícios do desenvolvimento da leitura. As competências adquiridas através das práticas sociais de leitura e escrita nos espaços das bibliotecas públicas podem auxiliar no desenvolvimento humano na sociedade letrada, garantindo sobrevivência e convivência social.

O bibliotecário mediador da leitura precisa desenvolver determinadas competências, conforme aponta Bortolin (2010) quando afirma que o aspecto fundamental para a mediação literária, seja ela oral ou não, é que os mediadores devem realizar leituras, fazer pesquisas, buscar subsídios no sentido de aprender os diferentes significados de leitura, conhecer as múltiplas linguagens, analisar textos de diferentes gêneros, entender as fases psicológicas dos leitores e também descobrir como acontece a recepção de um texto por parte do leitor (seja lendo ou ouvindo). Este conteúdo apontado por Bortoni (2011), não vem sendo ensinado nos currículos dos cursos de Biblioteconomia o que podem impactar as ações de mediação elaboradas pelos bibliotecários, sendo este um dos pontos de investigação deste trabalho e um das seções secundárias desta dissertação. Rastelli (2013) ao tratar de bibliotecas públicas, informa que após levantamento bibliográfico sobre o tema mediação da leitura, percebe-se uma precariedade conceitual no que tange aos textos que tratam direta ou indiretamente da questão da mediação da leitura, particularmente, dentro da produção científica no campo da Biblioteconomia. Para Rastelli (2013) existe a necessidade de empreender investigações para a diminuição da carência da literatura sobre a temática do bibliotecário mediador, tendo em vista que cresce, cada vez mais, a demanda por profissionais flexíveis, multidisciplinares e competentes, capazes de aprender ao longo da vida e apropriar-se desse espaço de transformação social que é a biblioteca pública. A Biblioteconomia precisa fornecer aos bibliotecários os instrumentos adequados para o exercício da sua função como mediadores da leitura. Segundo Silva (2012):

Percebe-se que seria interessante que a Ciência da Informação integrasse um maior número de pesquisas acerca da mediação da leitura, no sentido de conhecer mais especificamente como se comportam os leitores frente às atividades de mediação literária. Embora nos últimos anos tenha ocorrido um crescimento, no Brasil, quanto à produção de trabalhos que tematizam a leitura em vários de seus aspectos, percebe-se que, no âmbito da Ciência da Informação, há ainda margem para estudar-se a mediação da leitura literária como atividade social na formação do leitor, especialmente entre os jovens que

que cursam o Ensino Médio

As afirmações até aqui apresentadas apontam para uma das hipóteses motivadoras para a realização desta pesquisa, que diz respeito ao impacto que o despreparo dos bibliotecários, para realização das atividades de mediação da leitura, pode causar na qualidade das mesmas.

Os altos índices do analfabetismo funcional no Brasil, apontados na introdução deste trabalho e as possibilidades que a biblioteca tem de colaborar com a redução deste índice, relacionam-se com as práticas de letramento, visto que, em suas diversas derivações: letramento, letramento literário, letramento informacional e multiletramentos – estes conceitos e práticas voltam-se para objetivos complementares aos das mediações até aqui abordadas, ou seja, para a realização de práticas de letramento, o conhecimento das tecnologias/metodologias de mediação tornam-se imprescindíveis. Deste modo, na próxima seção, abordaremos os letramentos possíveis e realizáveis em bibliotecas, por bibliotecários.

2.3 Letramentos em bibliotecas

O termo letramento chegou ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas na segunda metade dos anos 80. Segundo Soares (2001) seu significado corresponde ao resultado ou ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. No Brasil, este termo surge como resultado da mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e à escrita, da mera aquisição da tecnologia do ler e do escrever à inserção nas práticas sociais de leitura e de escrita.

Refere-se aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. Embora apareçam em trabalhos científicos como semelhantes, alfabetização e letramento, se distinguem, de forma que alfabetização diz respeito a aprender ler e escrever e letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. (SOARES, 2001).

Se o letramento surge como distinção ao conceito de alfabetização, considerando outros elementos constitutivos para a relação do leitor com o texto, dentro do letramento outras vertentes surgiram, que alertam para as práticas de letramento que não estão associadas as instituições educacionais, desta forma surgiram os conceitos de letramento social, letramento escolar ou letramento autônomo e letramento ideológico. Os letramentos que ocorrem fora das

instituições educacionais são práticas informais de letramento que precisam ser consideradas. Street (2006) denominou como modelo ideológico, um tipo de letramento que reconhece uma multiplicidade de letramentos e que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; em que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia, não sendo simplesmente tecnologias neutras. O autor afirma que quaisquer que sejam as formas de leitura e escrita que aprendemos e usamos, elas são associadas a determinadas identidades e expectativas sociais acerca de modelos de comportamento e papéis a desempenhar.

Entender que as práticas de letramento não devem apenas se utilizar dos conteúdos mais valorizados academicamente é de grande importância para as ações de mediação de leitura, pois pode garantir maior adesão, trocas e resultados das ações propostas, uma vez que haverá maior flexibilidade temática de conteúdo e uma possível maior identificação dos participantes. Dentro desta uma perspectiva mais complexa que Street denomina como diferentes letramentos, entende-se que:

São associados a diferentes personalidades e identidades. Conjuntos semelhantes de associações podem ser vistos nesta cultura, uma vez reconhecida a importância do letramento para tais processos. Quando frequentamos um curso ou uma escola, ou nos envolvemos num novo quadro institucional de práticas de letramento, por meio do trabalho, do ativismo político, dos relacionamentos pessoais, etc., estamos fazendo mais do que simplesmente decodificar um manuscrito, produzir ensaios ou escrever com boa letra: estamos assumindo – ou recusando – as identidades associadas a essas práticas. A ideia de que as práticas de letramento são constitutivas de identidades fornece-nos uma base diferente – e eu argumentaria: mais construtiva – para compreender e comparar as práticas de letramento em diferentes culturas, alternativa à ênfase corrente numa simples dicotomia letramento/iletramento, em necessidades educacionais como inevitavelmente endêmicas ao letramento e no tipo de letramento associado com uma pequena subcultura acadêmica, com sua ênfase no texto ensaístico e na identidade típica a ele associada. (STREET, 2006)

As asserções de Street (2006) evidenciam as distinções entre letramento social e letramento escolar, considerando a importância dos saberes aprendidos fora da escola.

Em relação ao objeto de estudo desta pesquisa, considera-se a inserção dos saberes aprendidos fora das escolas como os conteúdos a serem trabalhados nas bibliotecas em uma perspectiva de bibliotecas multiculturais. Para as especificidades deste trabalho, estes conteúdos referem-se a literatura e a informação. Para tanto, apresenta-se os conceitos de letramento informacional e letramento literário.

O termo letramento informacional surge nos EUA na década de 70, quando se cunha a expressão Information Literacy. Os estudos sobre o assunto intensificaram-se principalmente a partir das duas últimas décadas, chegando ao território brasileiro no início deste século (GASQUE, 2010). De acordo com Campello (2003), o termo Information Literacy foi mencionado, primeiramente, por Caregnato (2000), que o traduziu como ‘alfabetização informacional’, mas optou pelo emprego de ‘habilidades informacionais’ como seu equivalente em língua portuguesa. Apesar de constarem na literatura brasileira os conceitos supracitados, Information Literacy tem sido traduzido no Brasil comumente como competência informacional (GASQUE, 2010). Segundo Campello (2010), com as mudanças ocorridas na sociedade em geral, na educação em particular, marcadamente a partir da década 1990, destaca-se outra esfera de atuação do bibliotecário. As referidas mudanças requerem que as pessoas adquiram competências para localizar, avaliar e usar as informações, o que implica, por parte dos bibliotecários em ações mais complexas, pois as pessoas além de tornarem-se leitores necessitam desenvolver habilidades informacionais. Assim, as práticas de educação de usuários nas bibliotecas integram hoje a noção de letramento informacional (ALA, 1989), partindo-se do pressuposto de que o bibliotecário detém conhecimentos que ajudarão os usuários no desenvolvimento dessas habilidades, ampliando-se a função educativa desse profissional.

A distinção apresentada entre letramento escolar e social também existe em relação ao letramento informacional. Segundo Gasque (2012):

O letramento informacional é um processo de aprendizagem, compreendido como ação contínua e prolongada, que ocorre ao longo da vida. O sentido da aprendizagem relaciona-se à construção do conhecimento, inerente ao ser humano, que perpassa as várias atividades do comportamento informacional, considerando as experiências e informações, que abrange as atitudes, as disposições morais e o cultivo das apreciações estéticas. Assim, entende-se tal processo como o conjunto das mudanças relativamente permanentes resultantes das inter-relações entre a nova informação, a reflexão e a experiência prévia, sem desconsiderar as interações do indivíduo com o meio social. O processo de aprendizagem pode ocorrer de maneira informal ou formal. No primeiro caso, o indivíduo aprende por observação, tentativa e erro, ou com ajuda pontual de alguém que detém a experiência. No segundo, diz-se que é formal, quando sistematizado pelas instituições de ensino.

Em relação as mediações culturais realizadas em bibliotecas, se aliadas ao letramento informacional, possibilita que os participantes das atividades possam ganhar autonomia na busca e uso e divulgação de novos textos, como forma de aprofundar os conteúdos literários apresentados nas atividades e no desenvolvimento do pensamento reflexivo. Para Gasque (2012) o letramento informacional é um processo de aprendizagem que favorece o aprender a

aprender, visto que engloba conceitos, procedimentos e atitudes que permitem ao indivíduo identificar a necessidade de informação e delimitá-la, buscar e selecionar informação em vários canais e fontes de informação, bem como estruturar e comunicar a informação, considerando os seus aspectos éticos, econômicos e sociais.

Considerar as práticas de letramento informacional no conjunto de serviços oferecidos pelas bibliotecas torna-se uma atitude colaborativa para as atividades de mediação da leitura, assim como, compreender como se conceitua e estrutura as práticas de letramento literário, já que tradicionalmente a biblioteca escolar esteve envolvida com os processos de alfabetização e letramento, em especial o letramento literário. Por letramento literário entende-se como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos (COSSON, 2014).

Barbosa (2011) conceitua letramento literário e informa que os estudos sobre este tipo de letramento estão mais voltados para a esfera escolar. Para a autora, o letramento literário é a condição daquele que não apenas lê e compreende gêneros literários, mas aprendeu a gostar de ler literatura e o faz por escolha, pela descoberta de uma experiência de leitura distinta, associada ao prazer estético. Os estudos do letramento literário têm contemplado questões relevantes de pesquisa, tais como: o processo de escolarização da literatura; as práticas de formação de leitores e as especificidades da leitura do texto literário. A maioria dos estudos e pesquisas têm estado circunscritos à esfera escolar. Isso se justifica pelo fato de ser a escola a grande promotora da leitura de literatura.

Tomando por base as informações apresentadas, que distinguem letramento escolar de letramento social e as que informam que as bibliotecas escolares são os espaços mais tradicionais para o estímulo a leitura, atenta-se para o fato da necessidade de maiores investigações sobre como o letramento literário se apresenta em ambientes não escolares, como os das bibliotecas do Sesc. Para Barbosa (2011) um campo de investigação bastante aberto aos estudos do letramento literário são os espaços e experiências outras – que não as escolares - de cultivo e leitura de literatura, como a organização de círculos espontâneos de leitores, experiência de ler em bibliotecas comunitárias, o aprendizado no próprio espaço familiar.

Em espaços não escolares, as bibliotecas possuem mais liberdade para determinarem os conteúdos que serão mediados em suas atividades. O Sesc costuma se pautar por datas comemorativas, temas importantes da cultura e nomes da literatura brasileira. Também por

não se tratar de uma instituição escolar, a diversidade dos participantes é maior. Havendo a possibilidade de se propor atividades de mediação da leitura que tanto correspondam as questões culturais, trazidas pelos participantes das atividades assim como a inserção de outros recursos que extrapolam o texto impresso, tais como exposições, apresentações artísticas e uso da tecnologia. Alguns pontos que são considerados nas práticas de mediação da leitura do Sesc, dialogam com os princípios, de uma das derivações do letramento: a pedagogia dos multiletramentos.

A necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi afirmada pela primeira vez em 1996, resultante de um colóquio do Grupo Nova Londres, nos Estados Unidos, que após uma semana de discussões publicou um manifesto intitulado Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais. Os estudos do Grupo de Nova Londres, a respeito de uma pedagogia dos multiletramentos, indicaram a necessidade de a escola focar novos letramentos emergentes na sociedade (multimodalidade), já que os jovens utilizam diversas ferramentas de acesso à comunicação, além de contemplar também a diversidade cultural no currículo (multiculturalidade) (ROJO; MOURA, 2012).

A pedagogia dos multiletramentos vai considerar as características dos estudantes atuais que são espectadores e produtores de textos contemporâneos compostos de muitas linguagens. Rojo e Moura (2012) exemplificam os textos multimodais ou multissemióticos como anúncios publicitários, vídeos, panfletos, sejam eles impressos ou digitais. Para os autores, trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver, normalmente envolverá, o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação - novos letramentos - , mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos [...].

Embora tenha sido pensada para ser aplicada em ambientes escolares, percebe-se na pedagogia dos multiletramentos afinidades nas conceituações apresentadas sobre letramento social, em que o conhecimento prévio também é considerado como elemento de letramento. Em relação a mediação da leitura, percebe-se um uma relação de propósitos no que diz respeito a diversidade de conteúdos e formas de execução que as atividades precisam/podem ter quando se pensa em uma biblioteca com um perfil multicultural.

Diante do exposto, considera-se que letramentos diversos dizem sobre o fazer

biblioteconômico e que as derivações empregadas sobre este termo devem ser pesquisadas, analisadas e, quando possível, absorvidas pela área. Segundo Gasque, (2010) a transposição dos conceitos de alfabetização e letramento para o universo informacional pode auxiliar na construção do arcabouço conceitual do letramento informacional, visto que tratam do processo de aprendizagem. Pode-se identificar convergências entre tais conceitos, como as ideias de processo, de funcionalidade, de produção de conhecimento, dentre outras. Soares (2003), ao discutir as práticas de leitura e escrita na cibercultura, enfatiza a ideia de que “diferentes espaços de escrita e diferentes mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita resultam em diferentes letramentos”, reconhecendo a existência de diversos processos de letramento.

Todos estes conceitos dialogam com as práticas de mediação da leitura realizadas por bibliotecas, cabe destacar as características dos sujeitos que realizam estas ações. Para Bortolin (2001) em se tratando de leitura, podemos considerar que o mediador do ato de ler é o indivíduo que aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o mediador é o facilitador desta relação; que pode ser exercida por diferentes indivíduos, independente do sexo, da idade e da classe social; em diferentes espaços e em diferentes situações.

Para esta pesquisa, compreender estes conceitos possibilita estabelecer os padrões necessários para o planejamento e realização das atividades de mediação da leitura realizadas pelos bibliotecários da rede Sesc. Conforme será apresentado na seção Descrição de dados, sem os embasamentos mais aprofundados pela bibliografia das áreas de Ciência da Informação, Letras, Pedagogia e Comunicação sobre letramentos, os discursos podem resultar em pouca aderência com o público, limitando-se aos “ler é bom”, “leia para se informar”, “leia para aumentar seu vocabulário”. Além disso, os conceitos ajudam a dimensionar a importância das práticas, atualizá-las e colaboram para a invenção de novos modelos, que possam aproximar diversos leitores de diferentes níveis a literatura e promover, a partir da mediação da leitura em bibliotecas, a formação de leitores mais críticos, da literatura e do mundo.

Outros aspectos que contribuem para a formação dos leitores são as atividades de mediação da informação, que quando aplicadas em bibliotecas, dentro de planos estabelecidos com os conceitos da área, garantem a autonomia para que usuários busquem e façam um melhor uso da informação. Segundo Almeida e Crippa (2009) A necessidade social da literatura e a necessidade de informação literária por parte de um público leitor se imbricam

mutuamente. Isso é fartamente demonstrado por Watt (1990) em sua obra *A ascensão do romance: a partir de meados do séc. XVIII*, ocorre uma maior produção de literatura e modificações em sua forma, com o surgimento e a consolidação do romance. Este aumento da oferta literária e do público leitor gera novas necessidades. Onde obter informações sobre os livros existentes? Quem pode proporcionar as chaves para interpretá-los e possibilitar construir os “quadros sociais do conhecimento” para sua compreensão? É aqui que começa a se esboçar a figura do crítico e da crítica como instituição sociocultural. Neste sentido, o crítico surge como um guia, como uma figura profissional da mediação, sendo sua primeira forma de articulação institucional o jornalismo.

Para investigar os processos de mediação da informação, especificamente de acordo com os objetivos deste trabalho, a seguir, tratamos da mediação da informação em bibliotecas.

2.4 A mediação da informação em bibliotecas

Conteúdo utilizado com derivações em diversas áreas, como a comunicação, a biblioteconomia, a pedagogia, letras e a ciência da informação, o conceito de mediação não apresenta uma definição em consenso em nenhuma destas áreas, vamos nos ater nesta seção aos que os pesquisadores da Biblioteconomia e da Ciência da informação trazem sobre este conceito, quando tratam de mediação da informação.

Martins (2014) informa que no âmbito da Biblioteconomia, a compreensão mais sedimentada de mediação é a de elo e ponte estabelecidos por meio de um elemento terceiro, com vistas ao acesso à leitura e à informação. O emprego desta perspectiva, na maioria das vezes, converge-se à noção arraigada no senso comum que concebe a mediação como a ação de intermediação, destinada a promover o encontro entre dois elementos desconectados. Para Marteleto e Couzinet (2013) nos estudos da informação e comunicação a noção de mediação veio se transformando nos últimos anos, passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais. Nas ciências sociais, sociólogos da cultura e das instituições, como Bourdieu (1983), passaram a abordar as mediações não como uma transmissão voluntária de ideias, mas enquanto um processo de interiorização de normas e de comportamentos atuante por meio de um « sistema de

nomeações e de posições sociais », conduzindo os sujeitos a adotarem certas práticas como se elas fossem naturais.

Segundo Freire (2014) há termos antigos e termos recentes, sugerindo uma continuidade temática na produção científica e enriquecendo a discussão teórica no escopo da rede conceitual relacionada ao construto mediação, na perspectiva da informação, da comunicação ou da cultura. Nessa teia temática, os espaços tradicionais de mediação da informação, como as bibliotecas, foram ampliados com o estabelecimento do ciberespaço, trazendo para a área da mediação da informação as questões sobre a responsabilidade social da ciência da informação no processo de inclusão dos cidadãos na sociedade em rede.

O mediador da informação seria o profissional que faria intervenções nas escolhas de um grupo, em dois tipos de mediação mais relacionados ao fazer biblioteconômico: a mediação explícita e a mediação implícita. Para Gomes e Santos (2012) a mediação implícita se dá em atividades meio da biblioteca (seleção, aquisição, registro, catalogação, classificação, indexação), nas quais não há a presença do usuário, mas há a intenção de atender suas necessidades de informação e prover formas de apoio a esses usuários. Já a mediação explícita está relacionada às atividades fins, como as de disseminação seletiva da informação e do serviço de referência, nas quais há um alto grau de interação entre usuário e bibliotecário.

A partir desta concepção, podemos incluir as ações de mediação da leitura como serviços fins de uma biblioteca. Para Martins (2010), os termos mediação, mediações e mediador podem ser notados em diferentes instâncias discursivas da Ciência da Informação, por distintos ângulos, o que faz da noção de mediação uma presença marcante neste contexto. Contudo, ao se articular de multifários modos, a partir do emprego de referenciais provenientes de outras disciplinas, a mediação passa por diferentes lugares, o que acaba por ocasionar uma ausência de precisão conceitual que cerca seu uso no contexto da área.

A partir do que foi apresentado em relação aos processos de leitura, pode-se buscar interseções conceituais entre leitura literária e os conceitos de mediação da informação. Nóbrega (2009), afirma que a mediação da informação depende de o olhar passar a ser o olhar do outro, que se desloca: em lugar da mirada sobre os objetos em si, agora a atenção está sobre as práticas dos sujeitos que se apropriam dos objetos, que circulam para construir significados. Olhar que não está interessado em somente descrever, mas, sim, em inter-relacionar (-se), construir junto, compartilhar. Em compreender, informar e ler como formas de reinventar, recriar, reescrever o mundo.

Embora algumas pesquisas apontem para um aumento do interesse dos bibliotecários para as temáticas relacionadas a mediação da informação, para Campelo (2010), ainda é incipiente a ação dos bibliotecários na prática educativa do letramento informacional, estando os bibliotecários mais envolvidos com ações de orientação à pesquisa e incentivo à leitura. Para verificação das pesquisas sobre o tema mediação cultural e mediação da leitura, apresenta-se, revisão da literatura sobre o tema.

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Pesquisas sobre a mediação cultural e da leitura em bibliotecas: O estado da arte

Algumas pesquisas sobre mediação cultural e da leitura em bibliotecas trazem contribuições importantes para estudos na área. Optou-se por considerar para esta revisão da literatura, os trabalhos apresentados no ENANCIB¹⁰ - GT 03 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação, no período de 2005 a 2013, em função da listagem que está disponível no site da ANCIB¹¹, e teses e dissertações que especificamente trataram destas mediações em bibliotecas apresentadas neste mesmo período.

Maria Isabel de Jesus Sousa, apresentou no ENANCIB, em 2005, a pesquisa olhares entrecruzados, leitura na sala de aula e na biblioteca, a pesquisa investigou as práticas de leituras ocorridas na sala de aula e na biblioteca do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, objetivando compreender o processo de aprendizagem da leitura a partir das atividades desenvolvidas nesses espaços, identificando as possíveis contribuições advindas dessas práticas na construção social dos educandos. Adotou a abordagem qualitativa considerando a pretensão de averiguar as práticas leitoras a partir da percepção dos envolvidos no processo. Na coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas e os diários de classes desses espaços. A coleta de dados foi dividida em 2 etapas: a) leitura e sistematização das informações dos diários de classe; b) realização das entrevistas. Preliminarmente dos dados dos diários de classe revelaram semelhanças entre as práticas leitoras realizadas nos locais estudados. - Este trabalho contribuiu por apresentar uma metodologia para investigação entre as diferenças das mediações realizadas em sala de aula e na biblioteca escolar.

Regina Marteleto apresentou no ENANCIB, em 2006, o trabalho Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos, que foi um relato de pesquisa que estudou como os jovens moradores de periferia das grandes cidades, na condição de sujeitos da informação, transformam os sentidos que circulam socialmente em formas discursivas e narrativas – o “terceiro conhecimento” -, revelando as ações de violência física e simbólica do Estado, da mídia, da escola e da sociedade, que concorrem para uma representação negativa de suas identidades. Empregou-se os conceitos de mediação e apropriação social de conhecimentos para estudar de que forma eles traduzem, em suas reservas simbólicas, as suas experiências de violência. A análise

¹⁰ Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

¹¹ ANCIB - A Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação. www.ancib.org.br

interpretativa, realizada com o emprego de instrumentos da metodologia qualitativa, aponta para um impasse simbólico e indenitário em relação a uma possível ação informacional sobre os contextos de violência nos quais eles se encontram inseridos. – Para esta pesquisa, este trabalho teve a importância de apresentar conceitos de mediação e o relato de uma prática de mediação com jovens.

Em 2007, Marco Antônio Almeida, apresentou no ENANCIB o trabalho Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. O trabalho propôs uma breve reflexão sobre os usos dos termos mediação e mediador. Para discutir o papel do mediador a partir de uma perspectiva política e cultural da atividade de mediação, retomou algumas das ideias de Gramsci acerca das noções de cultura e hegemonia e sua incorporação pela corrente dos estudos culturais ingleses. Examinou alguns dos paradoxos e desafios decorrentes das dinâmicas da “sociedade da informação” em confronto com essas contribuições, para refletir um pouco sobre concepções e aplicações possíveis do conceito de mediação no âmbito da CI e de sua relação com a sociedade e denuncia as impossibilidades de se pensar o profissional da informação como “intelectual orgânico” em função da série de mudanças pelas quais passou o mundo contemporâneo e o Brasil em particular, mas alerta que um perfil “técnico”, na sua aparente neutralidade, escamoteia questões sociais e políticas relevantes. – Este trabalho teve a relevância de ser o primeiro a abordar as questões relativas a mediação cultural dentre os trabalhos pesquisados e apontar que questões que foram aprofundadas nos anos seguintes.

Henriette Ferreira Gomes apresentou no ENANCIB, em 2008, o trabalho Mediação para a leitura na universidade: ações docentes e da biblioteca. A leitura realizada na universidade foi a temática deste trabalho, que teve como objetivo identificar a mediação realizada pelo professor e pela biblioteca. A investigação se deu por meio da realização de um estudo de caso com observação direta e intensiva, em uma amostra composta por três turmas de uma disciplina ministrada em um curso de graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), perfazendo um total de 109 estudantes. Também foram realizadas observação indireta do movimento de utilização da biblioteca pelos alunos; grupos focais com os estudantes e bibliotecárias, aplicação de questionário junto aos estudantes e de entrevistas com o professor. A análise dos dados se realizou a partir da integração de abordagens quantitativas e qualitativas. Os resultados mostraram que a mediação para a leitura está concentrada no nivelamento do conhecimento entre os estudantes a partir da apresentação dos conteúdos programáticos pelo professor. – Para esta pesquisa, este trabalho teve a importância de

apresentar uma metodologia para avaliação de práticas de mediação da leitura.

Maria Isabel de Jesus Sousa apresentou no ENANCIB de 2008, o trabalho *Leitura escolarizada: entrecruzando olhares sobre a prática leitora na sala de aula e na biblioteca*. A pesquisa investigou as práticas de leituras ocorridas na sala de aula e na biblioteca do Centro Educacional Caneiro Ribeiro, nas décadas de 70 a 90, objetivando analisar as estratégias adotadas durante o processo de aprendizagem leitora nesses espaços de formação de leitores. A população pesquisada foi composta por alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental e professores de língua portuguesa e de “aulas de biblioteca”, totalizando uma amostra de 25 participantes. Adotou-se a abordagem qualitativa considerando que o estudo buscou investigar práticas leitoras a partir da percepção dos envolvidos no processo. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e dos diários de classes, analisados com base na categorização temática das informações. Os resultados revelam semelhanças entre as estratégias adotadas no processo de formação leitora em ambos os espaços, demonstrando que a leitura realizada pelos discentes tinha objetivo de construção de hábitos e não de despertar o desejo pela atividade leitora. – Este trabalho teve a importância de comprovar o que os teóricos apontam sobre a importância de o estímulo a leitura ser desenvolvido também em ambientes extraclasse, pelas possibilidades informais e flexíveis de estruturação de práticas de mediação da leitura, sendo a biblioteca um espaço importante para tais práticas.

Oswaldo Franco de Almeida Júnior, apresentou no ENANCIB de 2008, o trabalho *Mediação da informação e múltiplas linguagens*. O projeto de pesquisa possibilitou, naquele momento, a veiculação de resultados parciais. Sendo eles: a conceituação de mediação da informação, a distinção entre mediação implícita e explícita – oriunda da concepção de que a mediação da informação envolve e determina todo o fazer do profissional da informação e a proposta de direcionarmos nossas discussões sobre a da informação como objeto da área da Ciência da Informação. – O trabalho teve a importância iniciar uma conceituação sobre mediação da informação na área da Ciência da Informação, possibilitando para a elaboração deste trabalho, um maior domínio sobre este conceito.

Marco Antônio Almeida e Guilia Crippa apresentaram no ENANCIB, em 2009 o trabalho *Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural*. O trabalho reflete sobre como as tecnologias de informação e comunicação (TICs), ao descortinarem inéditas formas de produção, circulação e recepção de produtos simbólicos, contribuem para tornar a cena cultural contemporânea mais complexa. Foram considerados principalmente alguns exemplos dos universos da literatura e das histórias em quadrinhos para

se refletir acerca das formas pelas quais tecnologias como as mídias sociais têm influenciado esse processo, apontando novas possibilidades de mediação cultural e da informação. – Como referencial teórico este trabalho contribuiu para traçar as relações entre necessidades social da leitura e necessidade de informação literária, sendo este um dos pontos importantes das relações entre mediação da leitura literária e mediação da informação.

Em 2010, Giulia Crippa apresentou no ENANCIB o trabalho *O pensamento e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero*. O trabalho utilizou a categoria analítica de gênero, ainda pouco presente na Ciência da Informação, para propor um modelo teórico de mediação centrado na diferença sexual para o acesso ao conhecimento institucionalizado e público. As questões apresentadas, de natureza teórica, buscaram oferecer uma intersecção entre a proposta acadêmica dos Estudos de Gênero chamada *Pensamento da Diferença*, e os problemas de Mediação que existem dentro do espaço público da biblioteca. O pensamento da diferença discute a hipótese de uma tipologia específica de mediação, fundamentada na ideia de genealogia feminina, negada. Decorre disso um lapso nas formas e linguagens da mediação da/para as mulheres no espaço público, representado pela biblioteca, onde se assume que o conhecimento e a apropriação da informação se realizam neutralmente. – O trabalho teve a importância de apresentar uma perspectiva em que as mediações consideram especificidades dos públicos atendidos.

Em 2011, Adriana Bogliolo Sirihal Duarte apresentou no ENANCIB o trabalho *Mediação da informação e estudos de usuários: inter-relações*. A partir da experiência na condução da disciplina *Usuários da Informação* e de ações de extensão e de pesquisa desenvolvidas junto a usuários de uma biblioteca itinerante, objetivou-se a reflexão sobre o relacionamento entre os estudos sistemáticos de usuários da informação e o papel de mediação informacional. Concluiu-se que a mediação pode ser facilitada pela prática de se realizar sistematicamente estudos de usuários bem como pela adoção de alguns métodos e técnicas dos estudos de usuários no cotidiano do trabalho do mediador. E ainda que, embora o trabalho do mediador esteja mudando devido à mudança de suporte da informação (informação em suporte eletrônico), sua função de mediação permanece cada vez mais necessária e deve ser cada vez mais privilegiada na formação do profissional.

Em 2011, Amanda Leal de Oliveira, apresentou no ENANCIB o trabalho *A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos*. Neste artigo a autora discutiu as questões que envolvem a apropriação da informação na perspectiva da negociação de sentidos, ou seja, segundo abordagem que considera a informação em suas dimensões de ato de

significação, envolvendo sujeitos e dispositivos sociais de diferentes naturezas. As discussões foram realizadas a partir da implantação de um projeto de leitura desenvolvido em duas escolas municipais rurais, em Minas Gerais, e em um Centro Cultural, construído na mesma fazenda. A experiência de mediação de leitura mostrou-se diferenciada pela força da oralidade na vida daquelas pessoas, gerando questões teóricas e práticas diversas: como se dá o encontro entre práticas de oralidade e escrita? Quais os dispositivos de mediação aí implicados? Concluímos procurando evidenciar como as práticas de leitura, cada vez mais promovida em diferentes contextos, se desvinculada dos processos de sua *apropriação*, pode não se revelar em sua dimensão, que, a nosso ver, consideramos essencial: a leitura como direito e possibilidade de ação afirmativa de sujeitos nos processos de construção de sentidos. – Este artigo contribuiu para esta dissertação por apontar a necessidade de se considerar nas práticas de mediação da leitura as questões relativas aos aspectos culturais dos seus participantes, sem que haja sobreposições ou imposições culturais.

Marcia de Fugueredo e Leandro Martins Cota apresentaram no ENANCIB de 2011 o trabalho Mediação e usuário de bibliotecas na Ciência da Informação: apontamentos para estudo da questão. Neste artigo refletiram sobre o papel do profissional de informação na mediação cultural/informacional em bibliotecas, apresentaram um recorte de pesquisa maior que pretende questionar o papel mediador dos bibliotecários no fazer cotidiano de agente cultural. Questionaram a naturalização e justaposição da tríade organização, acesso e transferência da informação propondo uma visão gramsciana para entender o papel da mediação no trabalho de unidades de informação, incluindo-se as bibliotecas. – Este artigo contribui com esta pesquisa ao trazer informações sobre o papel do profissional de informação na mediação cultural e informacional.

Em 2011, Sueli Bortolin e Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, apresentaram o trabalho A mediação oral da literatura, o bibliotecário: voz, corpo, espaço e presença. Este artigo evidenciou a importância da propagação da literatura de forma oralizada e o papel do bibliotecário como mediador oral, responsável pela formação e manutenção de leitores. Para isso é fundamental uma relação estreita entre o leitor-narrador/bibliotecário-narrador e o leitor-ouvinte em narrativas orais, devendo o bibliotecário perceber que essa não é uma atividade menor, sendo realizada sem preparo e sem comprometimento com seus objetivos. Como mediador oral, precisa conhecer elementos que assegurem unidade textual e brilho às narrativas orais, chegando assim ao desejado *estado da performance literária*. – Este artigo teve a importância na construção dos conhecimentos para esta dissertação no que diz respeito ao papel

do bibliotecário e a necessidade de que este profissional tenha a percepção da riqueza dos textos de literatura e a importância de sua mediação oral na formação de leitores.

Em 2012, Ivan Cláudio Pereira Siqueira, apresentou no ENANCIB o artigo *Information Literacy: uma abordagem terminológica*. Dada a crescente importância temática da *Information Literacy* e das várias expressões utilizadas para a sua designação, o trabalho contextualizou a sua origem e os termos mais representativos empregados pela comunidade nacional de pesquisadores no decênio 2002- 2012. Constatou-se certa dispersão terminológica entre os termos analisados, o que sugere eventual necessidade de consenso conceitual na temática. – Este artigo contribuiu na percepção das relações conceituais e de definição dos termos relacionados ao letramento informacional.

Embora a base de dados da ANCIB apresente os trabalhos até 2013, considerou-se importante para a construção deste referencial teórico a base BENANCIB, onde se encontram os artigos de 2014, *O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários*, de João Arlindo dos Santos Neto e Oswaldo Francisco de Almeida Junior em que os autores discute o processo da mediação e o bibliotecário em serviço. Apresenta uma discussão em relação à *Mediação Implícita da Informação no âmbito de trabalho dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina*. A pesquisa apontou que os bibliotecários conhecem o termo mediação da informação, mas ainda se referem a ele como “ponte”. Já o conceito de mediação implícita ainda é desconhecido por alguns, mas desperta a curiosidade entre os participantes. Os bibliotecários reconhecem que são mediadores e afirmam desempenhar suas tarefas para disponibilizar a informação e promover o acesso ao usuário e, considerou também, o artigo *Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais*, apresentado no ENANCIB de 2015, por Alessandro Rasteli e Rosângela Formentini Caldas. Os autores informam que a partir da década de 1980 alguns estudos sobre bibliotecas como espaços para a animação cultural e ação cultural despontaram na literatura especializada brasileira. Termos como bibliotecário, agente cultural, biblioteca centro cultural, suscitaram a função sociocultural das bibliotecas como também o exercício do bibliotecário enquanto agente cultural em seu entorno. Constatou-se através de levantamento bibliográfico que pesquisas ou estudos englobando as práticas culturais, as artes, as informações artísticas e suas mediações em bibliotecas têm sido pouco enfatizados em âmbito brasileiro nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da informação. Assim, observa-se que a mediação cultural pode ser pensada como uma área de estudo singular, específica, que carece de melhor compreensão. – O artigo contribuiu para esta dissertação no exercício de

construção de um conceito e fundamentação teórica para mediação cultural em bibliotecas com base na Ciência da Informação.

Além da base de trabalhos apresentados do ENANCIB, também se considerou para a construção deste referencial teórico, não de forma exaustiva, teses e dissertações que abordaram o tema mediação da leitura e mediação cultural que mais se enquadravam aos objetivos desta dissertação. Estes trabalhos não serão apresentados em ordem cronológica, mas de acordo com a relação temática entre eles. Maria Teresa Duarte, apresentou em 2011, a tese *Mediação cultural: alguns dos seus agentes*. A tese teve como foco principal os mediadores culturais, as suas trajetórias e os seus perfis. O seu principal objetivo é aprofundar o conhecimento dos profissionais que intervêm em atividades de mediação cultural, promovidas pelos serviços de instituições culturais ou por programas públicos realizados no âmbito das políticas nos setores da cultura e da educação. Embora tratando-se da realidade em Portugal, o trabalho contribuiu ao delinear perfis de mediadores culturais, o que pode ser utilizado nas reflexões sobre o papel do bibliotecário como mediador da leitura.

Em 2011, Sônia Barreto de Novaes Paschoal defendeu a dissertação *Mediação cultural dialógica com crianças e adolescentes: oficinas de leitura e singularização*. A dissertação foi um estudo exploratório sobre o conceito de mediação cultural dialógica realizado a partir de oficinas de leitura comprometidas com o protagonismo cultural de crianças e adolescentes (00 a 18 anos) em situação de abrigo numa cidade do interior paulista a cerca de 80 quilômetros da capital. Os resultados indicam que as mediações culturais realizadas no abrigo, centradas na singularização de crianças e jovens, foram capazes de romper com a impessoalidade, a frieza e a monotonia que marcam diversos aspectos da vida nos abrigos. A autora concluiu que a mediação cultural dialógica, ao propiciar a singularização dessas crianças e jovens, permitiu a emergência de valores e significados para textos e contextos, para leitores e mediadores que se apresentaram como protagonistas culturais, categoria centrada no encontro e na vinculação com o outro. – Este trabalho também contribuiu com a percepção da importância das mediações de leitura realizadas em ambientes extraclasse, por abarcar conteúdos do letramento social e aumentar o vínculo do participante nas ações de leitura.

Alessandro Rastelli, em 2013, defendeu pela USP a dissertação *Mediação da leitura em bibliotecas públicas*, em que discutiu a mediação da leitura nas bibliotecas públicas na sociedade contemporânea e o papel do bibliotecário mediador da leitura nesses equipamentos culturais. A pesquisa, de ordem exploratória e qualitativa, objetivou a análise das atividades de mediação desenvolvidas nas bibliotecas públicas municipais da Região Administrativa de

Marília, que compreende 51 municípios, dentre os quais se selecionou a amostra para este estudo. O autor concluiu que cabe à biblioteca pública a responsabilidade de fornecer à comunidade o acesso à informação e à leitura, de modo democrático e com qualidade. A inserção do sujeito numa sociedade leitora depende de políticas e de dispositivos socioculturais, não ocorrendo espontaneamente. Apostar em políticas, estratégias e articulações que envolvam governos, setores públicos em geral, privado e sociedade civil pode ser uma saída prioritária para a consolidação do objetivo de formar leitores. O autor também destaca que os bibliotecários precisam se envolver com as decisões políticas da área, de forma que contribuam para as melhorias necessárias. A dissertação de Rasteli (2013) contribuiu com pelos conceitos de mediação que apresenta e por apresentar uma metodologia de averiguação sobre os efeitos da mediação da leitura realizada em bibliotecas públicas.

Sueli Bortolin, em 2001, na dissertação *Leitura literárias nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e de Salvador* considerou que nem tudo que se faz em nome da leitura, leva à leitura. Assim, esta pesquisa analisou as ações das Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador quanto à promoção de leitura. As informações para análise, foram obtidas por intermédio da literatura pertinente, e também de entrevistas *in loco* nas referidas bibliotecas. A autora menciona que o posicionamento do bibliotecário deva ser mais decisivo nesta área, contribuindo de forma mais eficaz para que as ações de incentivo à leitura sejam mais efetivas e que a maioria dos profissionais (inclusive bibliotecários) que trabalham nas bibliotecas pesquisadas não têm clareza sobre quais atividades levam à leitura, mostrando contradições e inseguranças no momento de destacar, do rol de atividades lá desenvolvidas, aquelas que poderiam realmente levar à leitura. – A dissertação de Sueli Bortolin trouxe diversas contribuições, no que diz respeito ao papel do bibliotecário e os impactos que a falta de conteúdos específicos de mediação na formação, trazem para as atividades realizadas.

No artigo, de 2014, *mediação da leitura para leitores ouvintes*, Sueli Bortolin e Oswaldo Francisco Almeida Júnior discutem a mediação da literatura e o envolvimento do bibliotecário na promoção da leitura e na formação de leitores. Contribuem ao distinguirem a recepção aos textos de acordo com a forma como que são apresentados quando afirmam que há diferença sim no ato de ler e de narrar textos de literatura, pois, por mais informal que seja um texto escrito, ele tem suas estruturas gramaticais. E esse texto é diferente daquele que está acumulado na memória do narrador e que ele “entrega” ao seu leitor ouvinte, no ato da narrativa. Já o artigo, de 2014, *Mediação da informação e organização do conhecimento*, de Oswaldo Francisco Almeida Júnior apresenta conceitos e definições dos termos mediação da

informação e organização do conhecimento, a partir de um referencial teórico. Objetivo foi o de apresentar o processo de mediação da informação no processo de organização do conhecimento, o autor conclui que a mediação da informação além de ser uma interferência, determina todo fazer do bibliotecário; que não está clara para maioria dos respondentes; e que as ações da organização do conhecimento aparecem também como ações de mediação no fazer diário dos profissionais da informação. – Estes dois artigos contribuíram para o trabalho ao trazer informações sobre o bibliotecário como mediador da leitura e da informação, possibilitando não apenas a elaboração dos questionários que foram aplicados aos bibliotecários, como também uma melhor análise das respostas recebidas.

No artigo *Mediações da Cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas*, de 2007, Marco Antônio de Almeida traça breves questões que fundamentam o escopo temático, teórico e metodológico do grupo de trabalho “Mediação, circulação e uso da informação” da ANCIB e apresenta conceitos de mediação e mediador, concluindo que a função mediadora dos pesquisadores e dos profissionais da informação se faz cada vez mais necessária, buscando conectar os indivíduos, as bases de conhecimento local, as demais fontes de informação e conhecimento disseminadas na sociedade. – Além de contribuir reafirmando a importância da função mediadora dos profissionais da informação, o artigo de Almeida (2007), traça as questões do grupo de trabalho *Mediação, circulação e uso da informação*, dos quais muitos trabalhos, estão apresentados nesta revisão da literatura. Destaca-se a importância deste grupo de trabalho para que possamos avançar em pesquisas como a dissertação que aqui se apresenta.

Ana Amélia Martins trata da *Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação* em dissertação defendida em 2010. O trabalho, de natureza teórica, teve em vista produzir uma reflexão sobre o emprego do termo mediação no âmbito dos estudos da Ciência da Informação brasileira que se dedicam a apreender as múltiplas dinâmicas informacionais a partir de diferentes perspectivas. Empreendeu-se um esforço em sistematizar e discutir usos e empregos da mediação no campo da Ciência da Informação produzida no Brasil, tentando mapear o termo e as principais atribuições a ele imputadas. Teve como objetivo norteador, a apreensão, do ponto de vista teórico, das principais formulações que cercam o vocábulo mediação na área, por meio de publicações tecno-científicas que revelaram o tratamento teórico e conceitual atribuído ao termo. A análise permitiu apontar as limitações e desafios inerentes à intrincada tarefa de apreender as diferentes nuances que envolvem a informação e a mediação em suas práticas e processos cotidianos. A partir de tal contexto foi possível

apontar uma perspectiva para se pensar a mediação em suas relações com a informação vislumbrando, de forma mais próxima, as discussões suscitadas pelo indissociável trinômio “Informação, Cultura e Sociedade”. Chegou-se, assim, por meio da interlocução entre as discussões teóricas e os dados empíricos analisados, a formulação inicial de um construto denominado “mediação informacional” que buscou conferir relevo à dimensão simbólica, contraditória e conflitiva que caracteriza a relação entre mediação e informação. Esta dissertação colaborou com as concepções em relação ao conceito de mediação da informação.

A dissertação de Silva (2012), *A Mediação da leitura: o caso do curso Sesc Vem ler*, trata da mediação da leitura na perspectiva de Vygotsky, criador da teoria sócio-interacionista, que defende que o homem não nasce pronto, mas, precisa interagir com outros para se constituir e modificar o meio onde vive. Investiga as contribuições das atividades de mediação da leitura desenvolvidas pelo SESC Bahia no sentido de avaliar se estas propostas têm surtido efeito para a melhoria do quadro revelado nas pesquisas. A autora concluiu que seria interessante que a Ciência da Informação integrasse um maior número de pesquisas acerca da mediação da leitura, no sentido de conhecer mais especificamente como se comportam os leitores frente às atividades de mediação literária. Embora nos últimos anos tenha ocorrido um crescimento, no Brasil, quanto à produção de trabalhos que tematizam a leitura em vários de seus aspectos, percebe-se que, no âmbito da Ciência da Informação, há ainda margem para estudar-se a mediação da leitura literária como atividade social na formação do leitor. – A dissertação de Silva (2012) colaborou por apresentar uma investigação sobre uma ação de leitura do Sesc, no entendimento de que, embora todas as ações de leitura que são realizadas pela instituição possuem algumas características comuns, são justamente suas distinções que possibilitam um estudo mais apurado dos seus resultados, assim como apresentou Silva (2012), ao pesquisar o projeto Sesc Ler.

Estas pesquisas destacam o fazer biblioteconômico e a atitude do bibliotecário como essenciais para realização com resultados positivos em relação a mediação da leitura, da informação e da cultura, enfatizando a importância destas mediações para a emancipação do indivíduo. Para esta pesquisa, os caminhos percorridos, resultados e conclusões obtidas por estes pesquisadores serviram de parâmetros para a formulação das entrevistas com os bibliotecários, mediadores e participantes das atividades de mediação e para a formulação de modelos de planejamentos para as atividades estudadas.

3.2 O papel do bibliotecário como mediador da leitura e da informação

As pesquisas utilizadas para a produção deste trabalho apontam sempre para a importância dos bibliotecários como mediadores da leitura, destacando que, em muitos casos, há a falta de preparo dos mesmos para realizarem estas ações. Existe em muitos bibliotecários um entendimento, compartilhado por parte da sociedade, de que as atividades mais coerentes com a função de bibliotecário são as atividades técnicas – atividades meio, com exceção as que fazem parte do serviço de referência. No entanto, este fator pode ser modificado de acordo com o que a literatura da área informa como características essenciais para a realização de uma boa mediação da leitura.

Becker e Grosch (2008, p. 42) nos chamam a atenção para o exercício da profissão do bibliotecário, que está ainda muito regrada por conceitos de organização e administração de centros de informação, pouco expondo sua função educativa no sentido de auxiliar a comunidade de usuários na utilização correta das fontes de informação, de incentivar o estudante ou pesquisador a ler e frequentar a biblioteca e, principalmente, desenvolver o gosto pela leitura. Acrescenta-se o que Rastelli (2013) informa sobre o papel educativo do bibliotecário tornando-se mais evidente na sociedade da informação, tendo em vista suas competências específicas para atuar como mediador de leitura.

Desta forma, os profissionais que atuam nos equipamentos informacionais públicos podem programar ações para o desenvolvimento de habilidades nos usos da informação e contribuir para a melhoria das capacidades de leitura dos usuários. Almeida Júnior (2009, p. 92) afirma que o processo de mediação abrange todo o fazer do profissional da informação, como o armazenamento e a disseminação, e que esta mediação não tem apenas um papel secundário na área da Ciência da Informação, mas pode constituir o seu próprio objeto.

Sanches e Rio (2010) informa que a mediação da informação propõe que o fazer do profissional da informação deva estar integrado com a comunidade a qual se atende, se utilizando da técnica para promover espaços de apropriação da informação. Para o autor, mediar é construir em conjunto espaços que ative no profissional bibliotecário uma postura comprometida com sua classe profissional e com a comunidade em geral a qual atende culminando em um compromisso com a sociedade, fazendo que seu ramo de atividade seja reconhecido socialmente por sua importância.

Estas afirmações destacam dois fatores conflitantes ao se pensar a mediação da leitura em bibliotecas, por um lado existem todas as transformações ocorridas na sociedade nas

últimas décadas que levaram a construção de um entendimento de que se vive atualmente em uma sociedade da informação, em que os bibliotecários – tradicionalmente profissionais da informação – estariam mais aptos para desenvolver habilidades informacionais nos usuários, por outro lado existem as poucas produções da área sobre o tema e o pouco interesse e preparo dos profissionais para desempenharem as tarefas de mediação.

Para Almeida (2007) a função mediadora dos pesquisadores e dos profissionais da informação se faz cada vez mais necessária, buscando conectar os indivíduos às bases de conhecimento local, às demais informações e conhecimentos disseminados na sociedade. A inserção dos profissionais de informação nos processos culturais, atentando para sua posição no processo de produção de uma determinada hegemonia parece-nos, nesse sentido, um dos focos a serem privilegiados numa formação que se quer crítica. Para Petit (2013) o espaço para a participação da leitura é talvez mais interindividual do que social. Os mediadores podem promover uma maior familiaridade e maior facilidade na abordagem dos textos escritos. Exercem sua função para transmitir suas paixões, a sua curiosidade, questionando seu lugar, seu escritório, sua própria relação com os livros, como também, para ajudar os leitores a entenderem que entre todas as obras haverá uma que vai lhe dizer algo em particular. Criam espaços de liberdade onde os leitores podem traçar caminhos escondidos, onde os leitores poderão manter suas descobertas para si, caso o desejem.

Há um consenso entre os pesquisadores sobre mediação da leitura, qual seja, apenas um mediador apaixonado pela leitura pode promover no leitor sensações que aumentem seu envolvimento com os textos. Porém, cabe destacar a importância do planejamento das atividades de mediação visto que elas possibilitam um aprimoramento técnico e uma ampliação dos resultados. Segundo Gandin (2011), a finalidade do planejamento é a eficiência, pois a eficiência é a execução perfeita de uma tarefa que se realiza. O planejamento visa também a eficácia, no sentido de se fazer coisas que são socialmente desejáveis. Para o autor a eficácia é quando se escolhem entre muitas ações possíveis, as que levam a consecução de um fim, condizente com aquilo que se crê. Sendo fundamental a ideia de transformação da realidade, sendo ele uma tarefa política, ao participar na organização na mudança das estruturas sociais existentes.

Baseados nestes conceitos e a partir dos resultados dos questionários aplicados, propôs-se a criação de planos didáticos para cada ação de mediação da leitura, realizada pelas bibliotecas selecionadas, para serem elaboradas após a aplicação dos questionários finais. As ações selecionadas foram: rodas de leitura, contação de histórias, saraus, oficinas, exposições

literárias, mostra de filmes, feiras de livros, festas literárias, seminários e palestras.

A metodologia de sequência didática foi avaliada como a mais adequada para os propósitos deste trabalho. Segundo Zabala (1998) a sequência didática é considerada um modelo para subsidiar a análise da prática pedagógica do professor, com respeito aos procedimentos de ensino referentes a conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, vista como uma metodologia articulada das atividades do ensino. Esta proposta sugere a prática educativa do bibliotecário, pois apenas consciente dessa atitude frente aos desafios da leitura, apontados aqui e observados na minha prática profissional cotidiana, pode-se modificar o quadro apresentado. No entanto alerta-se para o fato que a proposta de um aprimoramento do planejamento das atividades de mediação de leitura, embora absorva recursos teóricos da pedagogia, não tem como objetivo a transformação da biblioteca em uma sala da aula, pois há o entendimento de que as mediações ocorridas na biblioteca possuem propostas diferentes.

Campelo (2009) alerta para o número significativo de pesquisas que têm revelado os equívocos das políticas e das atividades de promoção da leitura, que partem do princípio de que o importante é ler, não importa o quê, é criar o “hábito” da leitura através de técnicas de animação. Para ela, a biblioteca pode ser um espaço do qual se forma o leitor, desde que seja um espaço de criação e de compartilhamento de experiências, um espaço de produção cultural e que os bibliotecários e mediadores outros sejam leitores críticos, aptos para o confronto com os usuários através da literatura sem cobranças mecânicas de compreensão de texto lido e sem fórmulas rígidas de indicação por idade.

O que se espera do papel do bibliotecário mediador da leitura é a compreensão da importância desta atividades, dos conceitos em que ela se baseiam, nas metodologias para emprega-las e em como elas são contribuintes para o letramento informacional, e que as práticas de leitura, concebam o ato de ler, dentro das características delineadas por Yunes (2010) quando afirma a importância da leitura para ampliar as perspectivas, para associar às ideias, para reinventar o mundo, a partir da condição pessoal, pois para a autora não adianta obter um certificado, se não há mudança qualitativa de vida. A autora afirma que, sem dúvida, a leitura por si só não resolve problemas sociais ou individuais, mas que ter opções, compreender as situações é menos amargo que ser levado, sem noção do que se passa à sua volta: o conhecimento de outras vidas, de outros tempos, de outras histórias, de outras culturas que se oferece como contraponto, e as dimensões de uma tragédia grega fazem eco em ocasiões cotidianas de cidadãos comuns. Quantas Medeias, quantos Ícaros temos conhecido?

Se é possível ver a ancestralidade de certas histórias, nos sentiremos menos autômatos, menos solitários. (Yunes, 2010)

As pesquisas apresentadas colaboram com as intenções deste trabalho, no sentido de apontar as fragilidades da formação do bibliotecário e os pontos no perfil profissional a serem trabalhados, caso queiram alcançar eficiências em mediação da leitura, também inspira o andamento da pesquisa, no sentido que ao aprimorar-se estes indivíduos, maiores serão as possibilidades de melhorar-se o nível de leitura dos participantes das atividades que foram citadas. Na próxima seção, apresenta-se a metodologia com descrição do tipo de pesquisa e outras escolhas sobre os métodos que vêm sendo empregados, assim como o embasamento dos autores da área para justificar as escolhas.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, abordamos a metodologia utilizada para alcançar os objetivos propostos. Optou-se por desenvolver uma pesquisa de tipo exploratória e descritiva sobre uma atividade de cada uma das três bibliotecas selecionadas da rede de bibliotecas do Sesc, objetivando analisar as contribuições destas atividades de mediação da leitura.

Para Collis e Hussey (2005) a pesquisa exploratória tem o objetivo de reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior. Tem como objetivo procurar padrões, não costuma produzir resultados muito conclusivos ou respostas para um determinado problema, mas indica pesquisas futuras. As metodologias que são consideradas para este tipo de pesquisa são o estudo de caso, a observação e a análise histórica, além dos levantamentos das fontes secundárias, como informações bibliográficas e documentais. Os métodos de coleta de dados mais utilizados costumam ser entrevistas, pesquisas piloto e os grupos focais. Segundo os autores, a pesquisa descritiva utiliza-se de questionários e entrevistas e para análise é comum o uso de software estatístico. Tem como objetivo identificar as características de um determinado problema ou descrever o comportamento dos fatos e fenômenos.

Optou-se por mesclar características de tipos de pesquisas diferentes, porém não excludentes. Neste sentido a pesquisa se caracteriza como um estudo de caso exploratório e descritivo, qualitativo e quantitativo. Segundo Braga (2007, p. 29) a pesquisa social é complexa, permitindo abordagens múltiplas, tornando a tarefa de escolher, descrever e aplicar uma metodologia adequada uma das fases mais delicadas do planejamento ou projeto de pesquisa. No entanto, metodologias quantitativas e qualitativas não devem ser consideradas concorrentes, nem tampouco excludentes, podendo ser aplicadas de maneira concomitante na pesquisa social, desde que respondam adequadamente ao objetivo estabelecido.

A opção pelo estudo de caso se deu pela complexidade do objeto de pesquisa, visto que embora pertencentes a uma mesma instituição, cada biblioteca possui características próprias. Segundo Calazans (2007) o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa utilizada para investigar um fenômeno social complexo. É considerada uma estratégia de pesquisa abrangente para as pesquisas sociais e é uma forma de investigação empírica, pois analisa um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real. Para um melhor entendimento da extensão de diversidade de atuação do Sesc em relação as atividades de leitura, realizou-se uma pesquisa do seu relatório de gestão, para descrever as atividades de leitura realizadas pela instituição.

Com 354 unidades, e um programação anual extensa, as bibliotecas do Sesc oferecem um repertório variado de ações de mediações de leitura, algumas mais estruturadas e outras mais amadoras. Para um bom entendimento do objetivo desta pesquisa, descrevem-se a seguir, a partir da análise documental do Relatório de Gestão Sesc 2015¹² as atividades de mediação da leitura que obtiveram destaque na instituição. Nas Bibliotecas do Sesc são realizadas atividades de contação de histórias, encenação de textos literários, rodas de leituras, oficinas, narração de histórias, leituras, intervenções literárias, exibição de filmes seguida de debates, exposições, clubes de leitura, feira de livros, seminários e apresentações musicais. A variedade destas atividades e a forma como são executadas gerou as hipóteses que desencadearam esta dissertação. A seguir apresentamos as atividades de mediação da leitura que foram destacadas no relatório de gestão Realizações Sesc 2015, com o objetivo de apresentar um painel da atuação do Sesc nesta área e propor, em seguida, um diálogo com os resultados dos questionários aplicados e com o referencial teórico.

Tabela 1 – Atividades de leitura das unidades do Sesc em 2015.

Regional	Projeto	Atividades
Sesc Amazonas	Sarau cultural na escola	Círculo de leituras, danças artísticas, música, bate-papo filosófico, teatro, pintura, produções literárias de alunos.
Centro Educacional do Sesc Fernando Sousa Matos -Sesc Amazonas	Sarau Literário	Círculos de leitura, danças artísticas, música, bate-papo filosófico, tetro, pintura e produções literárias dos alunos.
Sesc Itaperucu - Maranhão	Narrativas literárias - causos	Alunos apresentam causos que ocorreram em suas vidas, relacionados as culturas locais.
Sesc Ler Bodocó - Pernambuco	Projeto Zé do livro	Apresentação de cordéis, rodas de leitura, contação de histórias, dramatizações e jogos de mímicas
Sesc Maranhão	Narrativas literárias	Análise de cantigas de rodas, contos de fadas e poemas por crianças de 7 a 10 anos.
Sesc Amapá	Viajando pelo mundo da literatura	Apresentação de histórias em sequência, histórias infantis, dramatização, sessão historiada, confecção de jogos, oficinas de dobraduras, confecção de máscaras, biblioteca na sala, exposições, apresentação de dança e dramatizações.
Escola Sesc de Ensino	V Encontro Escola	O evento debateu as novas tecnologias de leitura e escrita e

¹² Relatório de Gestão Sesc 2015. Disponível em: http://www.sesc.com.br/portal/sesc/Transparencia/Realizacoes_e_Relatorio_de_Gestao/

Médio (RJ)	Sesc de Bibliotecas Escolares	seus impactos nos serviços biblioteconômicos.
Escola Sesc de Ensino Médio (RJ)	Biblioteca de portas abertas	Encontro de mediação da leitura com estudantes do ensino fundamental das escolas públicas do Rio de Janeiro.
Sesc Ler Amapá	Encontro de Educadores do Sesc Ler	O evento debateu as formas de favorecer a escrita e a leitura nos alunos do projeto.
Escola Sesc de Ensino Médio (RJ)	Curso de capacitação de auxiliar de bibliotecas comunitárias	Curso teve como objetivo treinar pessoas interessadas em aplicar técnicas de mediação da leitura em bibliotecas comunitárias.
Centro Cultural Sesc Paraty	Letramentos e narrativas no cinema nacional	Exibições de filmes com temáticas voltadas para a leitura e literatura
Sesc Paraná	Semana Sesc de Leitura e Literatura	Oficinas, palestras, conversas com escritores, exibição de filmes, apresentação de espetáculos e narração de histórias.
Sesc Alagoas	VII Bienal Internacional do livro de Alagoas	Mostra de cinema, ações de incentivo à leitura, palestras, oficinas, café literário
Sesc Pernambuco	A hora do conto	Apresentação teatral, mediação da leitura com livros.
Sesc Recife	Feira Sesc Troca-troca de Livros	Feira para troca de livros
Sesc Rio Grande do Sul	Feira de livros	Venda de livros. Encontro com escritores.
Sesc no Amazonas	Feira de Livros e concurso literário	Contação de histórias, oficinas de percepção musical, cinema e peças teatrais, rodas de leitura, degustação de pratos típicos.
Escola Sesc de Ensino Médio (RJ)	Poética	Saraus com degustação de quitutes produzidos por moradoras da região, mostra de curtas cineclubistas, poesia no teto do teatro e shows de alunos, convidados e DJs, além de um banquete comunitário ao ar livre.
Sesc Pernambuco	Jornada Literária Chapada do Araripe	Atividades formativas de estímulo à leitura
Sesc Pernambuco	Um Escritor na Minha Escola,	Rodas de conversas e leituras, recitais, cantorias, intervenções, ações formativas e oficinas

Centro Cultural Sesc Glória – Espírito Santo	II Festival Capixaba de Literatura	Debates com os autores, lançamentos e apresentações artísticas
Sesc Iguatu - Ceará	Encontro Sesc de Literatura e Artes dos Sertões	Mostra de cinema, simpósios, exposição de artesanatos, apresentações artísticas, recitais, oficinas, espetáculos, lançamentos de CDs, DVDs e feiras de cordel.
Sesc Santo Amaro - Pernambuco	Minimaratona de Contação de Histórias	Oficinas e contação de histórias
Sesc Maranhão	Leitura Literária	Exposição de gibis, leitura compartilhada, contação de histórias.
Centro Cultural Sesc Glória – Espírito Santo	Haicai	Grupo de estudos sobre haicai.
Centro Cultural Sesc Paraty	Residência Literária em Paraty.	Um escritor é custeado para viver 3 meses em Paraty e produzir uma obra literária.
Sesc Santa Rita - Recife	Uma palavra com o autor	Oficina, palestras e rodas de conversas
Sesc Palladium, Belo Horizonte.	1, 2, 3 e. Já!	Disposição de um espaço para leitura
Sesc Sergipe	Feira da Leitura e do Livro de Sergipe	Leitura de livros do acervo, oficina de feitura de fantoches de luvas para as crianças, confecção de marcadores de livros e ponteiros de lápis, além da contação de histórias e apresentação do Coral Nova Vida e vários artistas locais.
Sesc Porto Alegre	O projeto Sesc Mais Leitura	Encontro com autores em escolas e bibliotecas voltantes.
Sesc São Paulo	Eu Conto, Tu Contas — Encontro Latino-americano de Narradores Itinerantes	Encontro de narradores de histórias
Sesc São Paulo	Clube do livro: amor entre tempos	Encontros para discussão de livros
Centro Cultural Sesc Paraty	Arte da palavra	Oficina de criação literária
Sesc Espírito Santo	Painel Literário	Debates entre autores locais, mediadores e expectadores.

Sesc Palladium	Palco Biblioteca	Discute as linguagens artísticas e a produção cultural por meio de conversas, leituras dramáticas e performances artísticas
Sesc Belo Jardim, Pernambuco.	Mostra de Literatura Contemporânea	Conversa entre poetas e oficinas de cordel
Sesc Garanhuns, Pernambuco	IV Mostra de Literatura Luzinete Laporte	Minicursos, oficinas, conversas entre escritores e rodas de leitura.
Sesc São Paulo	Histórias e Letrinhas	Estudo especializado de obras e de autores dos países lusófonos africanos.
Sesc São Paulo	A voz da escrita	Encontro com autores e leituras.

Os projetos que foram elencados apresentam a diversidade de atividades de mediação da leitura realizadas pelo Sesc, assim como uma diversidade de formas para alcançar o objetivo de incentivar à leitura, o que dialoga com relação aos itens pesquisados sobre a formação dos bibliotecários para realizarem tais atividades.

Após revisão bibliográfica, que considerou, por meio de leitura informativa, os temas mediação da leitura, letramento, letramento informacional, letramento literário e multiletramentos, foram elaborados questionários com perguntas de múltipla escolha, aplicados a frequentadores destas atividades, bibliotecários e mediadores de leitura contratados. Estes questionários ficaram disponibilizados na base Survey Monkey¹³, que é uma ferramenta online e gratuita para elaboração e compartilhamento de pesquisas, que possibilita que a pesquisa possa ser acessada por diferentes tipos de dispositivos, além de oferecer ferramentas para coletas de dados e elaboração de relatórios e a facilidade de compartilhar o questionário e acompanhar os resultados. Os questionários ficaram disponíveis por 3 meses e os links para acesso foram divulgados por e-mail para os bibliotecários da rede Sesc de bibliotecas, junto com carta convite para participação, de forma que estes pudessem responder, e também compartilhar para os usuários das bibliotecas e mediadores prestadores de serviço contratados.

Constatou-se a pouca adesão. Do grupo de 78 bibliotecários, apenas 11 responderam ao questionário. Da rede de 309 bibliotecas fixas, apenas 21 usuários participantes das

¹³ <https://pt.surveymonkey.com/>

atividades responderam e apenas 6 mediadores responderam, o que levou a considerarmos os questionários como pré-teste pela abrangência e diversidade de ações da rede e a pouca adesão à pesquisa. A partir dos dados coletados, foram aplicados os questionários *in loco* em três bibliotecas da rede. A seleção destas três bibliotecas se deu em função das atividades que realizam, o grande público das unidades em que estão incluídas e a possibilidade de serem de estados diferentes, o que poderá garantir diversidade à pesquisa.

Desta forma, o campo empírico do trabalho é composto pelas bibliotecas Santo Antônio de Jesus (BA), Sesc Ceilândia (DF) e Escola Sesc de Ensino Médio (RJ), conforme a tabela a seguir:

Tabela 2 – O universo pesquisado: bibliotecas da rede Sesc

Unidade Sesc	Estado	Sujeitos pesquisados	Atividade
Antônio de Jesus	Bahia	1 bibliotecário 1 mediador 3 participantes	Roda de leitura
Sesc Ceilândia	Distrito Federal	1 bibliotecário 1 mediador 24 participantes	Roda de leitura
Escola Sesc de Ensino Médio	Rio de Janeiro	1 bibliotecário 1 mediador 19 participantes	Festa Literária

Os questionários foram aplicados pelos bibliotecários responsáveis de cada unidade, em atuação não participante, pois as atividades de leitura são mediadas por profissionais convidados. O questionário é formado de perguntas abertas e fechadas padronizadas. Marconi e Lakatos (2008) informam que a pesquisa padronizada é aquela em que o entrevistado segue um roteiro previamente estabelecido, as perguntas são pré-determinadas e ele se realiza de acordo com o formulário. O objetivo é manter respostas às mesmas perguntas para que

possam ser comparadas. Para os bibliotecários, pretende-se descobrir sobre sua formação, o planejamento que realizam para a atividade, os objetivos que pretendem alcançar e os instrumentos de avaliação das atividades; para o mediador, pretende-se descobrir como apresentam suas propostas ao Sesc, se realizam planos didáticos e como avaliam a atividade que realizam; para os participantes, nosso foco de interesse está nas motivações que a atividade causa, como ele avalia a atividade e em que ela modifica o seu perfil como leitor.

Os resultados dos questionários pré-teste foram avaliados, na primeira fase da pesquisa, com base no referencial teórico estudado. Desta referência se destacaram as obras de Rastelli (2013), Bortolin (2007), Yunes (2010), apresentados nas seções do quadro teórico e de revisão da literatura. Com base nesta avaliação, decidiu-se por aplicar os questionários *in loco* em apenas três unidades operacionais e relacionados a apenas uma atividade. Utilizou-se também para esta avaliação os documentos Módulo de biblioteca e Módulo de literatura produzidos pelo Sesc, são documentos que apresentam indicações conceituais sobre a área e apresentam orientações gerais para formulação de programação. Em seguida, foram produzidos planos didáticos como sugestão às atividades de incentivo à leitura, para contribuir com as diversas ações que hoje são realizadas com este objetivo.

A seguir, apresenta-se tabela com o cenário em relação aos bibliotecários, pesquisados no pré-teste.

Tabela 3 – Sujeitos da Pesquisa (Pré-teste – Aplicação Virtual)

Sujeitos da Pesquisa/ Unidade do SESC	Estado	Bibliotecários
Sesc Niterói	RJ	1
Sesc Tijuca	RJ	1
Sesc Ramos	RJ	1
Sesc Osasco	SP	1
Sesc Santo Amaro	SP	1
Sesc Ribeirão Preto	SP	1
Sesc Nazaré	BA	1
Sesc JK	MG	1
Sesc Montes Claros	MG	1
Sesc Doca	PA	1
Sesc Santa Rita	PE	1

Total	11
-------	----

Tabela 4 - Sujeitos da Pesquisa por tipo (Pré-teste – Aplicação Virtual).

Sujeitos da Pesquisa	Total
Bibliotecários	11
Mediadores	6
Participantes	21

Tabela 5 – Sujeitos da Pesquisa (aplicação *in loco* pelos bibliotecários)

Sujeitos da Pesquisa/ Unidade do SESC	Estado	Bibliotecários
Escola Sesc do Rio de Janeiro	RJ	1
Santo Antonio de Jesus	BA	1
Sesc Ceilândia	DF	1

Tabela 6 - Sujeitos da Pesquisa por tipo (Aplicação *in loco* – pelo bibliotecário).

Sujeitos da Pesquisa	Total
Bibliotecários	3
Mediadores	3
Participantes	46

4.1 Perfil das bibliotecas participantes

A biblioteca da unidade Santo Antônio de Jesus foi inaugurada em 2010, junto com a unidade que está situada em uma zona rural com acesso por via asfaltada. Conta com considerável infraestrutura para desenvolver atividades e serviços nos campos de assistência, educação, cultura, lazer e saúde, utilizando equipamentos modernos e padronizados, oferecendo fácil acesso aos portadores de deficiência física. A biblioteca possui acervo

bibliográfico diversificado, composto por livros didáticos e técnicos de várias Áreas do conhecimento, bem como livros de ficção brasileira e estrangeira nas categorias conto, romance, poesia, novela etc., além de periódicos (revistas, jornais, histórias em quadrinhos, dentre outros), disponíveis para público infanto-juvenil e adultos. Em um ambiente agradável, o serviço é oferecido, gratuitamente, com consulta aberta a comunidade. O empréstimo de livros é destinado apenas aos beneficiários do Sesc com carteira atualizada. O atendimento é de sexta-feira, das 9h às 21h; sábado e domingo, das 9h às 17h.

O Centro de Atividades SESC Ceilândia está localizado em uma área de 50 mil metros quadrados, na QNN 27, lote B, Ceilândia Norte. Inaugurado no dia 22 de novembro, o Centro de Atividade SESC Ceilândia é a maior Unidade do Distrito Federal e possui cerca de 17 mil metros quadrados de área construída. Com capacidade para atender cerca de 10 mil pessoas nos fins de semana e três mil, por dia, a estimativa é que o Centro de Atividades beneficie os 600 mil habitantes da Região Administrativa, com uma infraestrutura completa e ações nas áreas de cultura, ação social, educação, esporte e lazer. O acervo da biblioteca é composto por acervo do Sesc é composto por 32 mil exemplares que incluem obras literárias, didáticas, técnicas, além de fitas de vídeo, CD *Rooms*, periódicos, enciclopédias, dicionários e almanaques. A seção de periódicos é formada por revistas – dos mais variados temas – e jornais, entre veículos locais e nacionais. Ao todo são realizadas cerca de 3 mil consultas e empréstimos por dia. Há ilhas de acesso à Internet e mobiliário apropriado para atender crianças. Possui ainda gibiteca, para leitura em quadrinhos. Para ter acesso a biblioteca é necessário possuir a carteira do SESC.

Inaugurada em março de 2008, no Rio de Janeiro, a biblioteca da Escola Sesc de Ensino Médio, possui um acervo de 69.000 exemplares de livros, DVDs, CDs e periódicos, além de viabilizar o acesso a livros e revistas digitais. O espaço conta ainda com uma sala de vídeo e computadores para pesquisa. Instalada em uma área de pouco mais de mil m², a biblioteca tem se afirmado como espaço de fruição cultural, lazer e convivência. Promove a literatura e a leitura em seu sentido mais amplo, capacitando seus usuários para a autonomia na busca e uso da informação e contribuindo para a qualidade de ensino.

Nestas três unidades foram realizadas a coleta de dados para esta pesquisa, por meio de questionários, aplicados aos bibliotecários.

4.2 Coleta de dados

O ciclo de pesquisa, segundo Minayo (2001), compõe-se de três momentos: fase exploratória da pesquisa, trabalho de campo e tratamento do material. O referido processo inicia-se com a fase exploratória da pesquisa. A análise de dados na pesquisa científica, em que são interrogados aspectos referentes ao objeto, aos pressupostos, às teorias pertinentes, à metodologia apropriada e às questões operacionais necessárias para desencadear o trabalho de campo. Em seguida é estabelecido o trabalho de campo, que consiste no recorte empírico da construção teórica elaborada no momento. É nesta etapa que são combinadas várias técnicas de coleta de dados, como entrevistas, observações, pesquisa documental e bibliográfica, dentre outras. Por fim, faz-se necessário elaborar o tratamento do material recolhido no campo, que pode ser subdividido em: ordenação, classificação e análise propriamente dita.

Optou-se, para a coleta de dados, pelo o uso de questionários com perguntas fechadas e abertas, visando uma visão global em relação a alguns tópicos, mas possibilitando também um espaço para que o entrevistado pudesse falar sobre o tema pesquisado, sobre algo não previsto no questionário. Para Goldenberg (2004, p. 86):

As entrevistas e os questionários podem ser estruturados de diferentes maneiras: 1. Podem ser rigidamente padronizados: as perguntas são apresentadas a todas as pessoas exatamente com as mesmas palavras e na mesma ordem, de modo a assegurar que todos os entrevistados respondam à mesma pergunta, sendo as respostas mais facilmente comparáveis. Tais perguntas podem ser do tipo: a. fechadas: as respostas estão limitadas às alternativas apresentadas. São padronizadas, facilmente aplicáveis, analisáveis de maneira rápida e pouco dispendiosa. Uma de suas desvantagens é que as pessoas limitam suas respostas às alternativas apresentadas, mesmo quando há outras razões; b. abertas: resposta livre, não-limitada por alternativas apresentadas, o pesquisado fala ou escreve livremente sobre o tema que lhe é proposto. A análise das respostas é mais difícil; 2. Podem ser assistemáticos: solicitam respostas.

A aplicação dos questionários visou investigar os três grupos que estão envolvidos nas atividades de mediação da leitura das bibliotecas do Sesc. Sendo eles:

- Bibliotecários: responsáveis por idealizar e promover as atividades de mediação da leitura com o objetivo de dinamizar seus acervos e aumentar o envolvimento dos usuários com a leitura. Em alguns casos, planejam estas atividades com o profissional de literatura da unidade. Na maioria dos casos, não são os bibliotecários que realizam as atividades de mediação, para este fim, eles contratam os mediadores de leitura.

- Mediadores de leitura: São profissionais com formações diversas (atores, contadores de histórias, professores, arte-educadores, jornalistas) que são contratados para realizarem as atividades de leitura nas unidades. Cabe a eles atender às solicitações dos bibliotecários ou propor uma atividade e executá-la.

A aplicação dos questionários teve como objetivo investigar os seguintes pontos principais.

Tabela 6 – Objetivos do questionário

Sujeitos da Pesquisa	Objetivos
Bibliotecários	Identificar se e como planejam as atividades de leitura, se tiveram algum tipo de formação para realizar esta atividade, se fazem algum tipo de avaliação e quais critérios escolhidos para seleção dos mediadores.
Mediadores	Identificar se e como planejam as atividades, se fazem algum tipo de avaliação após a atividade.
Participantes	Identificar se avaliam positivamente as atividades que participam e se a atividade de leitura motiva o empréstimo e leitura de algum livro.

O tratamento dos dados foi realizado a partir da análise e interpretação de dados. Segundo Gil (1999), a análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos. A codificação, por sua vez, é o processo pelo qual os dados brutos são transformados em símbolos que possam ser tabulados. Já a tabulação é o processo de agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise. A análise estatística, outro passo da análise e interpretação dos dados, vem após a tabulação dos dados e é procedida em dois níveis: a descrição dos dados e a avaliação das generalizações obtidas a partir desses dados.

Após a análise os dados, eles foram interpretados de acordo com o referencial teórico apresentado. Para Gil (1999), o último passo do processo de análise é interpretação dos dados. A análise e a interpretação são dois processos da pesquisa que estão estreitamente relacionados,

o que dificulta precisar onde termina a etapa da análise e começa a da interpretação. A interpretação dos dados na pesquisa social refere-se à relação entre os dados empíricos e a teoria. É recomendável que haja um equilíbrio entre o arcabouço teórico e os dados empiricamente obtidos, a fim de que os resultados da pesquisa sejam reais e significativos.

Nesta seção, apresentamos o universo pesquisado, os sujeitos envolvidos e explicamos o enquadramento da pesquisa no que se refere aos procedimentos adotados, ao tipo de pesquisa. Considera-se como entraves para a pesquisa. Considera-se como entraves à elaboração da pesquisa, a pouca adesão dos bibliotecários aos questionários encaminhados, mesmo que tenha se tomado o cuidado de que eles fossem encaminhados pela coordenação de bibliotecas – fato que não surgiu o efeito esperado. No segundo estágio da pesquisa, o entrave a elaboração da pesquisa, decorreu, pelo fato de que, embora os bibliotecários tenham acordado fazer as entrevistas, a partir do questionário encaminhado, a devolutiva destes, não foi com o número esperado de participantes. Dada a complexidade de ações da instituição e quantidade de tarefas desempenhadas pelos bibliotecários, percebeu-se uma dificuldade no que diz respeito à disponibilidade de tempo para aplicar os questionários, conforme orientação. Os dados coletados foram sistematizados e colocados em diálogo com as teorias apresentadas.

Na seção a seguir, vamos abordar a descrição e análise de dados.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, será feita a análise dos dados que foram pesquisados. Para cada grupo entrevistado (mediadores, bibliotecários e participantes), consideraram-se as perguntas que trouxeram como resultado informações que apontam para a necessidade de aprofundamento das pesquisas. Os questionários completos e encontram-se em anexo.

5.1 Atuação dos participantes

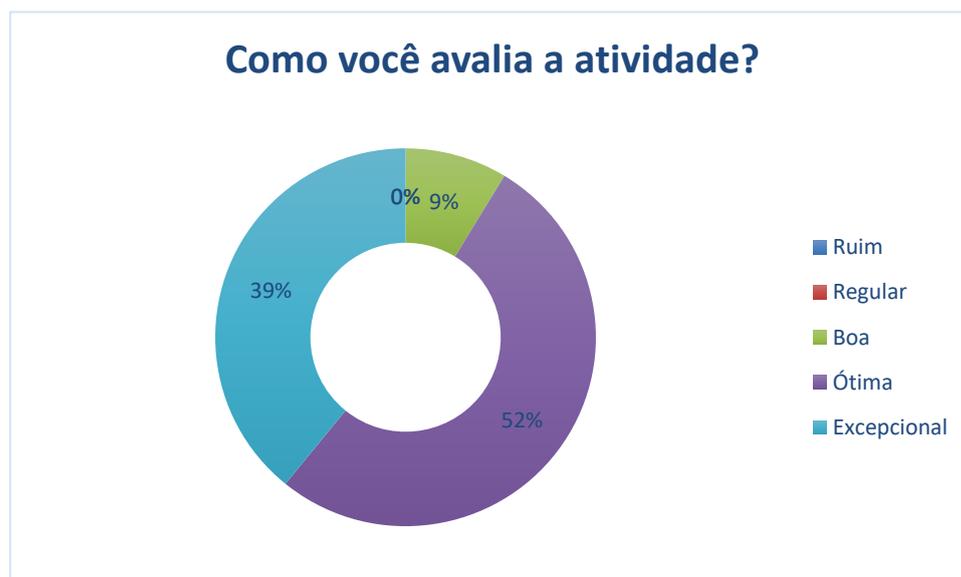
O gráfico 1, abaixo, ilustra os dados para as motivações de busca pelos participantes de atividades no SESC:



Os resultados para a questão “O que prioriza ao buscar uma atividade de leitura no Sesc? ”, sugerem um perfil de leitor que busca ser estimulado a ler, no entanto nota-se que o somatório das respostas em lazer, fruição literária e convivência somam 40%, o que indica que este estímulo a leitura deve vir acompanhado de conteúdos também voltados para o entretenimento e a partir destas práticas, o participante deverá ser estimulado a aumentar o seu envolvimento com a leitura. Optou-se por distinguir nas perguntas a os interesses em atividades de leitura por lazer e por fruição literária considerando que a fruição literária trata-se de um conceito mais complexo, conforme aponta Ranke e Magalhães (2011) ao afirmarem que a concepção de fruição literária está relacionada à leitura literária que parte do pressuposto de entrega, de imersão no texto, não para desvelar suas verdades, mas para expandi-lo, alargar suas significações. Neste sentido, o leitor, portanto, não é um mero

decodificador, ele está em constante conflito com o texto, conflito que pode ser entendido como um desejo de compreender, de concordar, de discordar. Conflito no qual quem lê não somente capta o objeto da leitura, mas atribui sentidos, impregnando o texto com sua carga de experiência humana e intelectual. As respostas para esta pergunta nos fazem refletir sobre a importância da função do mediador destas atividades. Allende e Condemarin (2005) informam que o mediador, ao planejar leituras de entretenimento, deve analisar previamente os interesses dos leitores e os seus propósitos frente à leitura, destacando que um programa de leitura de entretenimento reforçará naturalmente as competências para a formação de um leitor independente.

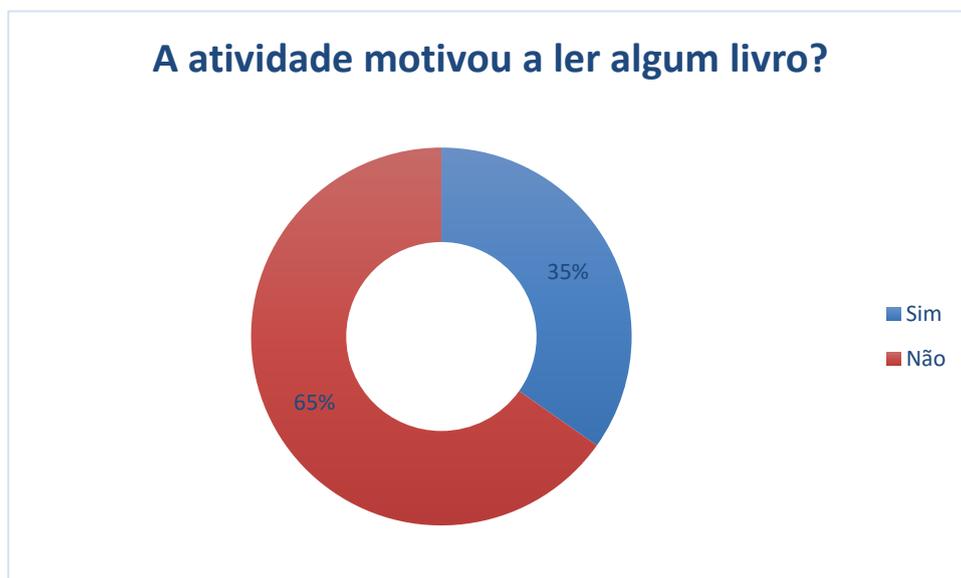
O gráfico 2, abaixo, ilustra os dados de como os participantes avaliam a atividade citada na pergunta anterior.



De acordo com o gráfico acima as atividades são bem avaliadas pelos participantes, o que sugere que correspondem ao que esperam de uma atividade de leitura. Questiona-se se estas atividades são bem avaliadas pelos métodos ou pelos conteúdos que são apresentados. A responsabilidade do bibliotecário se evidencia neste caso, pois é ele que ao planejar a atividade de mediação o fará de forma que haja um equilíbrio entre o prazer e os conteúdos que promovem o desenvolvimento das capacidades leitoras. Segundo Galeano (2002) o mediador é aquele que medeia, intervém, aproxima o leitor do texto. Em outras palavras, o promotor da relação leitor – objeto – leitura. Também, aquele que pode causar no sujeito o desejo pela colheita produtiva dos sentidos dos textos, descortinar o horizonte do leitor e

ajudá-lo a “olhar” a “imensidão do mar” de sensações e significados advindos da linguagem, especialmente a literária.

O gráfico 3, abaixo, ilustra se a atividade que participaram teriam motivado a leitura de algum livro.



No gráfico 3, nota-se que embora as atividades tenham sido bem avaliadas pelos participantes, 65% informaram que as atividades não lhes motivaram a ler algum livro. Tal resultado se alinha à hipótese defendida neste trabalho, de que as ações de leitura não necessariamente surtem efeito para que seus participantes leiam mais e melhor. Campello (2008) informa que um número significativo de pesquisas tem revelado o equívoco das políticas e atividades de promoção de leitura. Soares (2007) sugere que quando buscamos incutir no outro a paixão pela leitura, da leitura literária, é necessário respeitar o momento em que se encontra este leitor em sua trajetória de amadurecimento literário, informando que nem sempre os caminhos para a inserção da leitura serão aqueles que escolhemos quando tomamos como guias as obras canônicas, aquelas que se costuma caracterizar como alta literatura. A autora lança pistas sobre a falta de motivação para ler um livro após as atividades de mediação da leitura, estas pistas serão analisadas com maior profundidade no decorrer da pesquisa, confrontadas com outros textos sobre o tema e o resultado das entrevistas nas bibliotecas selecionadas.

A pesquisa também investigou se havia interesse em participar de outras atividades de leitura do Sesc. O gráfico 4 ilustra os dados a esse respeito.



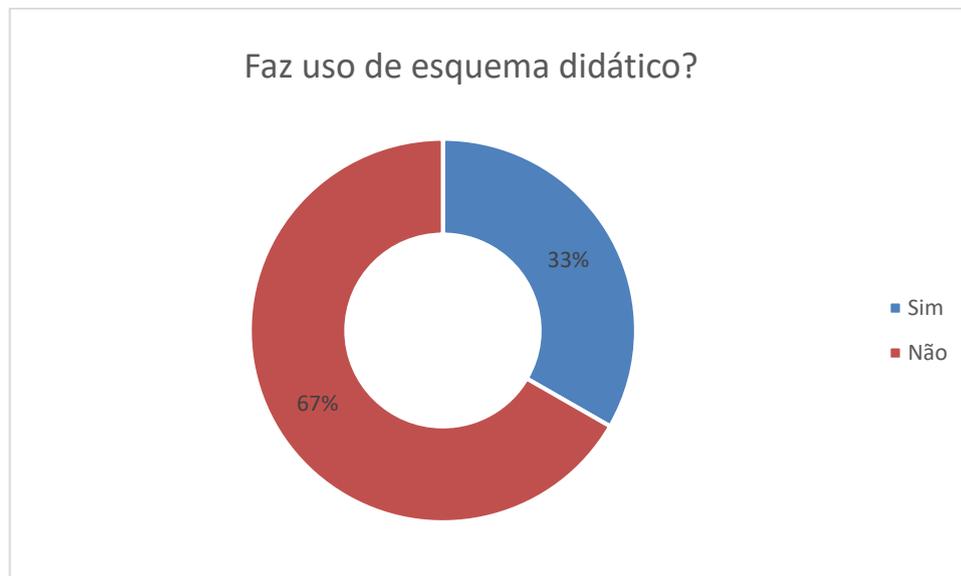
No gráfico 4, nota-se que para o caminho teórico traçado até aqui, destaca-se que as unidades do Sesc funcionam principalmente como centros de cultura e lazer, levando a compreender-se que as outras mediações culturais e de informação que ocorrem nas unidades, contribuem para despertar nos usuários o interesse pela leitura, mais que as próprias atividades de leitura, que segundo respostas já apresentadas não, necessariamente, geram este interesse.

Este resultado sugere que para esta pesquisa cabe ampliar a visão sobre as atividades promotoras da leitura talvez se baseando nos conceitos mais amplos de mediação, conforme apresentado por Sanches e Rio (2010) quando afirma que o ato de mediação é toda a interferência com o objetivo de interfacear a relação usuário/informação integrada a comunidade usuária, essa ação se dá tanto na formação do homem formador da sua cultura como no homem produto dessa formação. Mediação da informação se constitui como um processo de fluxo e refluxo dos processos culturais, de maneira a contribuir com a fixação do adquirido, bem como potencializando ações transformadoras.

Dos questionários aplicados com os mediadores de, selecionamos as questões que tiveram como objetivo investigar como apresentavam suas propostas para o Sesc, se os objetivos das atividades estavam estabelecidos e se eles fazem algum tipo de avaliações e como as fazem.

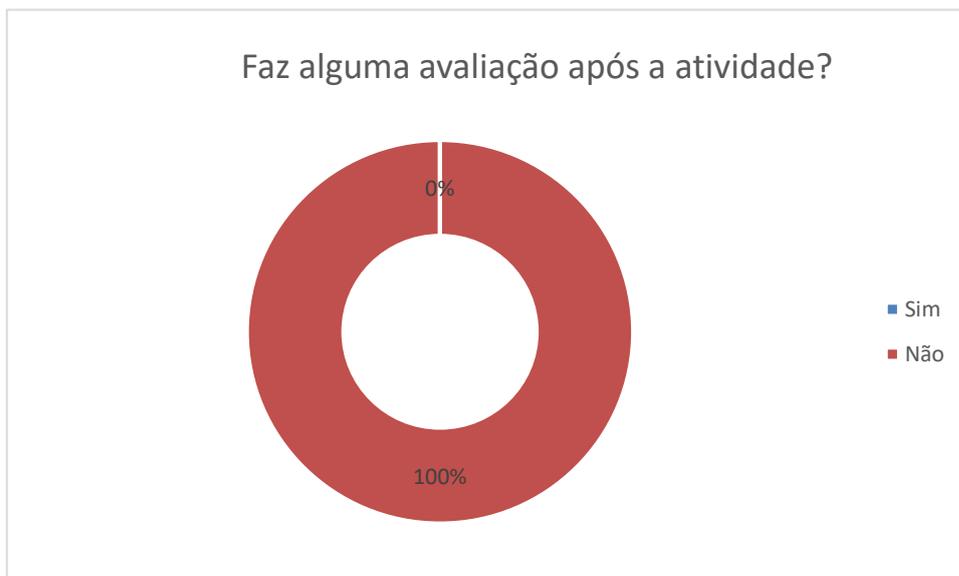
5.3 Atuação dos mediadores de leitura

O gráfico 5 ilustra se os mediadores fazem uso de algum esquema didático para a planejar e realizar suas atividades:



No gráfico 5, ressalta-se que a maioria dos entrevistados não faz uso do esquema didático. Vale recuperar a afirmação de Zabala (1998), para quem sequências didáticas podem ser consideradas como uma maneira de situar as atividades, e não podem ser vistas apenas como um tipo de tarefa, mas como um critério que permite identificações e caracterizações preliminares na forma de ensinar. No caso desta pesquisa, serão necessárias adaptações do que a literatura da Educação conceitua como sequências didáticas, entendendo que os objetivos dos mediadores são diferentes dos objetivos dos professores que correspondem as necessidades de um ensino formal, denominado apenas como indicações para realização das atividades.

O gráfico 6 ilustra se os mediadores fazem alguma avaliação após realizar suas atividades:

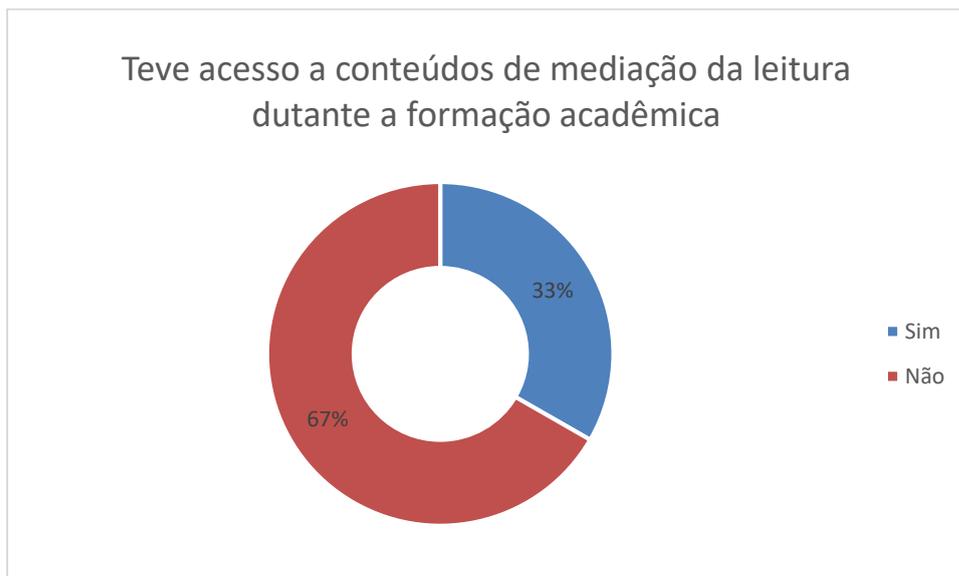


No gráfico 6, nota-se que o total de mediadores entrevistados informou que não faz nenhuma avaliação após a atividade. Ressalta-se, como já informado em seções anteriores, a importância da avaliação para o reconhecimento dos efeitos da atividade de mediação da leitura. Os mediadores, ao não avaliarem suas atividades, impossibilitam o encaminhamento de propostas mais embasadas e criativas para os bibliotecários. Sugere-se que estas atividades sejam avaliadas em planos avaliação elaborados com o bibliotecário. Para Almeida (2005) um processo regular e contínuo de avaliação de serviços de informação é um componente indispensável para dispormos de serviços eficazes.

Em relação ao questionário aplicado aos bibliotecários, procurou-se saber quais bibliotecários faziam um planejamento das atividades, se eles avaliavam a atividade e qual percepção que os profissionais possuem sobre as ações de mediação da leitura como motivadoras para o incentivo à leitura.

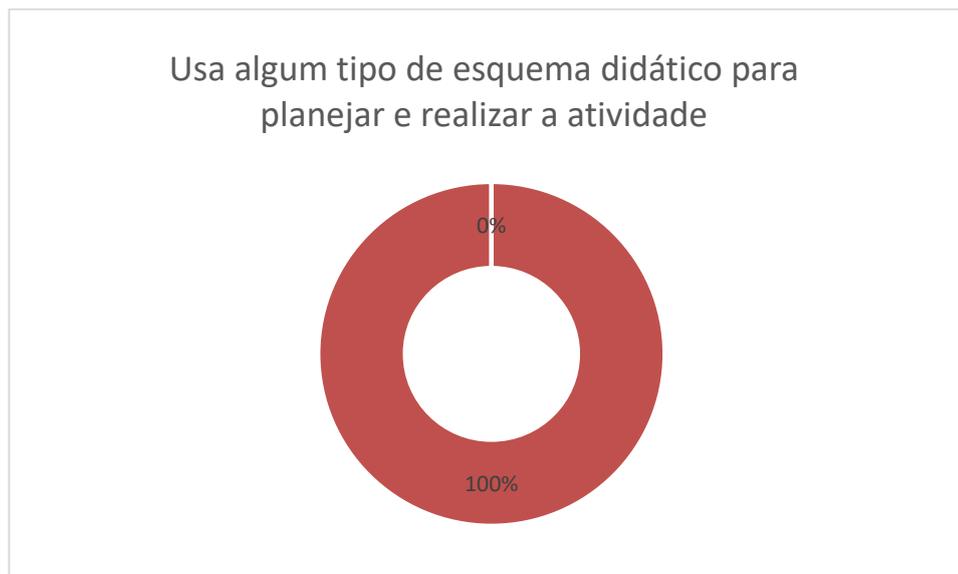
5.4 Atuação dos bibliotecários

O gráfico 7 ilustra se os bibliotecários tiveram acesso a discussões sobre mediação de leitura ao longo da formação acadêmica.



No gráfico 7, os dados indicam que a maioria não estudou conteúdos de mediação de leitura na formação acadêmica, segundo a literatura da área, os bibliotecários carecem de uma melhor formação em relação aos conteúdos de mediação da leitura, como também, alguns textos apontam que há uma carência na área de pesquisas sobre o tema. Para Rastelli (2013) há uma “precariedade conceitual” no que tange aos textos que tratam direta ou indiretamente da questão da mediação da leitura no contexto das bibliotecas públicas, particularmente, dentro da produção científica no campo da Biblioteconomia, ressaltando-se diante disso, a necessidade de empreender investigações para a diminuição da carência da literatura sobre a temática do bibliotecário mediador. O autor afirma que o enfoque tradicional dado pelos cursos de Biblioteconomia na formação técnica dos estudantes não privilegia o futuro do bibliotecário como mediador da leitura.

O gráfico 7, diz respeito ao uso de esquema didático com vistas à elaboração de atividades.



Nota-se no gráfico 7 que a totalidade dos bibliotecários não faz uso de esquemas didáticos para planejar as atividades. Cabe destacar a importância do planejamento das atividades de mediação visto que elas possibilitam um aprimoramento técnico e uma ampliação dos resultados. Neste planejamento de se incluir os objetivos que se pretende alcançar, os conteúdos que serão trabalhados e o público alvo da atividade e avaliação posterior a atividade realizada. Segundo Gandin (2011), a finalidade do planejamento é a eficiência, pois a eficiência é a execução perfeita de uma tarefa que se realiza. O planejamento visa também a eficácia, no sentido de se fazer coisas que são socialmente desejáveis. Para o autor a eficácia é quando se escolhem entre muitas ações possíveis, as que levam a consecução de um fim, condizente com aquilo que se crê. Sendo fundamental a ideia de transformação da realidade, sendo ele uma tarefa política, ao participar na organização na mudança das estruturas sociais existentes.

O gráfico 8, diz respeito se os bibliotecários consideram que as atividades de mediação são motivadoras para o empréstimo de livros na biblioteca.



Nota-se no gráfico 8, que os bibliotecários responderam em 100% que consideram que as atividades de mediação da leitura estimulam o uso de livros da biblioteca. Com base nos resultados anteriores, em 67% dos participantes responderam que as atividades de leitura não lhes motivaram a ler um livro, somando-se ao fato de não terem apresentado métodos de avaliação para chegar a essa conclusão, pode-se sugerir que bibliotecários, com baixa formação em mediação de leitura, apenas pela observação e conhecimento prévio sobre a importância e eficácia de qualquer atividade mediadora da leitura, inferem que estas atividades, inequivocamente, motivam os participantes a lerem mais livros.

Foram realizadas perguntas abertas se as atividades de mediação estimulam os participantes a pegarem livros emprestados na biblioteca e pelas respostas podemos verificar como muitas das afirmações não estão embasadas em avaliações quantitativas sobre os processos que aumentam o envolvimento do leitor com o livro e a leitura. Realizar uma atividade de mediação da leitura e expor os livros utilizados pode ser considerada uma boa estratégia para a formação do leitor? Este usuário, quando não estimulado e direcionado por exposições se sentirá motivado a pegar mais livros emprestados na biblioteca? Como transpor os estímulos que as atividades de mediação da leitura provocam para além do tema e dos autores abordados? Sobre estas inquietações foram as investigações desta dissertação, referenciando-se das pesquisas já realizadas na área, dos documentos do Sesc e dos questionários que foram aplicados segundo a metodologia já apresentada.

Com base no referencial teórico, e metodologia aplicada para esta dissertação, na próxima seção, apresenta-se o produto deste estudo: as indicações para realização de atividades de mediação da leitura em bibliotecas.

6. INDICAÇÕES PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA EM BIBLIOTECAS.

Nesta seção apresenta-se, com base na literatura consultada e nos resultados dos questionários aplicados, as indicações para realização de atividades de mediação de leitura. Optou-se por esquemas mais básicos, considerando que cada atividade precisará de complementações de acordo com as especificidades culturais locais, de estrutura física, recursos e do perfil do público participante. Privilegiou-se para estes planos didáticos, a definição da atividade, seus objetivos e os métodos de avaliação.

Tipo de atividade de mediação da leitura: Roda de leitura

Apresentação: A roda de leitura é uma atividade em que os participantes se dispõem confortavelmente em círculo, leem textos selecionados e trocam impressões sobre estas leituras, são mediadas por um dinamizador que vai estimular que os participantes leiam o texto e comentem suas impressões. O dinamizador irá, também, abordar questões do texto que não foram observadas pelos leitores, promovendo aprofundamento nas camadas do texto. A indicação é que o trabalho seja sistemático e com periodicidade definida. Para Cosson (2014), o círculo de leitura é uma prática privilegiada de grupo de leitores que se reconhecem como parte integrante de uma comunidade leitora específica. Ele apresenta três pontos relevantes da leitura em grupo:

- O caráter social da interpretação dos textos e a apropriação e manipulação do repertório “com grau maior de consciência”.

- A leitura em grupo estreita os laços sociais, reforça identidades e a solidariedade entre as pessoas.

- Os círculos de leitura possuem um caráter formativo.

Objetivos:

- Incentivar o gosto pela leitura

- Incentivar o conhecimento do repertório de livros da biblioteca

- Trocar experiências de leitura

- Estimular a convivência em torno da leitura.

- Estimular a leitura solidária

Conteúdo: Livros de literatura brasileira e universal, com destaque para a literatura

brasileira, atentando para as temáticas que se pretende abordar e o público-alvo.

Público-alvo: Fazer a seleção dos textos de acordo com os níveis de desenvolvimento em leitura do público.

Duração: 60 minutos

Avaliação: A avaliação da roda de leitura pode ser feita a partir de coleta de depoimentos dos participantes, ou aplicação de questionários. Importante acompanhar pelo sistema da biblioteca a evolução de empréstimos de livros no cadastro de usuários.

Planejamento da atividade:

1. pesquisar e selecionar os textos que serão lidos na roda de acordo com o que se pretende abordar. A seleção pode se dar pelo autor, pelo gênero (contos, crônicas, cartas, poesias), pela nacionalidade ou pela temática que se pretende abordar.

2. no primeiro momento da roda de leitura, apresentar o autor, um pouco de sua biografia e falar um pouco sobre suas obras já publicadas.

3. estimular a leitura compartilhada dos textos selecionados e posteriormente, a participação de todos na apresentação das impressões de leitura.

4. anotar sugestões de textos e autores para os próximos encontros.

5. realizar a avaliação da atividade.

Recursos necessários: livros impressos e/ou digitais.

Tipo de atividade de mediação da leitura: Clube de leitura

Apresentação: Os clubes de leitura são espaços em que um grupo de leitores se reúne periodicamente para leitura de textos literários e troca de impressões de leitura. Segundo Bortolin e Almeida Júnior (2011) clube de leitura é toda iniciativa de um grupo de leitores experientes ou iniciantes, tendo como característica básica a realização de reuniões periódicas, presenciais ou virtuais com a finalidade de ler e discutir determinado texto/livro, em sua maioria, literários.

Objetivos:

- Incentivar o gosto pela leitura
- Incentivar o conhecimento do repertório de livros da biblioteca

- Estimular o compartilhamento de impressões de leituras
- Estimular a convivência em torno da leitura.
- Estimular a leitura solidária

Conteúdo: Livros de literatura brasileira e universal, com destaque para a literatura brasileira, atentando para as temáticas que se pretende abordar e o público-alvo, por se tratar de atividade sistemática com periodicidade curta, no clube de leitura pode-se ler também romances, um trecho do livro em cada encontro.

Público-alvo: Fazer a seleção dos textos de acordo com os níveis de desenvolvimento em leitura do público.

Duração: 60 minutos

Avaliação: A avaliação do clube de leitura pode ser feita a partir de coleta de depoimentos dos participantes, ou aplicação de questionários. Importante acompanhar pelo sistema da biblioteca a evolução de empréstimos de livros no cadastro de usuários.

Planejamento da atividade:

1. pesquisar e selecionar os textos que serão lidos na roda de acordo com o que se pretende abordar. A seleção pode se dar pelo autor, pelo gênero (romances, contos, crônicas, cartas, poesias), pela nacionalidade ou pela temática que se pretende abordar.
2. no primeiro momento dos encontros, apresentar o autor, um pouco de sua biografia e falar um pouco sobre suas obras já publicadas.
3. estimular a leitura compartilhada dos textos selecionados e posteriormente, a participação de todos na apresentação das impressões de leitura.
4. estimular sugestões de textos e autores para os próximos encontros.
5. garantir diversidade aos textos apresentados
6. realizar a avaliação da atividade.

Recursos necessários: Espaço reservado para realização dos encontros, livros impressos ou digitais.

Tipo de atividade: Leituras Dramatizadas

As leituras dramatizadas podem ocorrer em diversas de mediação da leitura, ou como uma atividade independente, com uma plateia que acompanha a leitura, seguida de debates com o mediador sobre o tema lido, podem também ocorrer na presença do autor e este participar do

debate posterior a leitura. Pode-se usar também como recurso apresentações musicais. Segundo o glossário do CEALE – Centro de Alfabetização em leitura e escrita¹⁴, quando se fala em leitura dramatizada, deve-se pensar na leitura expressiva: o leitor destaca determinadas partes do texto explorando a entonação, com o uso de recursos como mudança de voz conforme o personagem, a ênfase em interjeições, gestos e expressões corporais e faciais.

Objetivos:

- Incentivar o envolvimento com os livros, a leitura e arte de interpretação
- Incentivar o conhecimento do repertório de livros da biblioteca
- Estimular o debate sobre o texto apresentado
- Estimular o uso de outras linguagens para apresentação de textos
- Estimular a leitura com o recurso de outra linguagem.

Conteúdo: Livros de literatura brasileira e universal, com destaque para a literatura brasileira, atentando para as temáticas que se pretende abordar e o público-alvo.

Público-alvo: Fazer a seleção dos textos de acordo com os níveis de desenvolvimento em leitura do público.

Duração: 60 minutos

Avaliação: As avaliações das leituras dramatizadas podem ser feitas a partir de coleta de depoimentos dos participantes, ou aplicação de questionários. Deve-se avaliar também a performance do mediador, pois sua leitura pode influenciar o gosto pelo texto lido. Importante acompanhar pelo sistema da biblioteca a evolução de empréstimos de livros no cadastro de usuários.

Planejamento da atividade:

1. pesquisar e selecionar os textos que serão lidos na leitura dramatizada de acordo com o que se pretende abordar. A seleção pode se dar pelo autor, pelo gênero (contos, crônicas, cartas, poesias), pela nacionalidade ou pela temática que se pretende abordar.
2. no primeiro momento dos encontros, apresentar o autor, um pouco de sua biografia e falar um pouco sobre suas obras já publicadas.
3. estimular a participação de todos na apresentação das impressões de leitura

¹⁴ Ceale – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Glossário disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/>

dramatizada.

4. estimular sugestões de textos e autores para os próximos encontros. Informar os outros textos que a biblioteca possui sobre o tema e/ou autor.

5. garantir diversidade aos textos apresentados.

6. realizar a avaliação da atividade a partir da coleta de depoimentos e/ou aplicação de questionários. Acompanhar pelo sistema da biblioteca se os participantes aumentaram o volume de livros que pegou emprestado.

Recursos necessários: Atores para fazerem a leitura, livros impressos ou digitais.

Tipo de atividade: Contação/Narração de histórias

A Contação ou narração de histórias está mais relacionada ao universo infantil, em que atores e/ou arte-educadores fazem uso de diversos recursos, como fantoches, instrumentos musicais, bonecos, tecidos e outros para animar as histórias apresentadas nos livros e que, por eles, são contadas. Para Rodrigues (2005) a contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. Embora sejam mais apresentadas para crianças, alguns artistas também se dedicam a criar formas de contação de histórias de textos juvenis e adultos. Em alguns casos são realizadas com atividades recreativas.

Objetivos:

- Apresentar a história para crianças, em alguns casos, ainda não alfabetizadas e para adultos.

- Incentivar o envolvimento com a história oral.

- Incentivar o conhecimento do repertório de livros da biblioteca

- Estimular o uso de outras linguagens para apresentação de textos.

- Estimular a imaginação.

- Estimular a leitura com o recurso de outra linguagem.

Conteúdo: Livros de literatura brasileira e universal, com destaque para a literatura

brasileira e para os livros infantis, atentando para as temáticas que se pretende abordar e o público-alvo.

Público-alvo: Fazer a seleção dos textos de acordo com os níveis de desenvolvimento em leitura do público.

Duração: de 60 min. a 1h30.

Avaliação: As avaliações das contações/narrações de histórias podem ser feitas a partir de coleta de depoimentos dos participantes. Deve-se avaliar também a performance do mediador, pois sua leitura pode influenciar o gosto pelo texto lido. Importante verificar se a performance se sobrepôs ao texto literário e a divulgação do livro. Importante acompanhar pelo sistema da biblioteca a evolução de empréstimos de livros no cadastro de usuários.

Planejamento da atividade:

1. pesquisar e selecionar os textos que serão lidos na roda de acordo com o que se pretende abordar. A seleção, neste caso, costuma ser pelo tema que se pretende abordar.

2. após a contação, apresentar o autor, um pouco de sua biografia e falar um pouco sobre suas obras já publicadas.

3. estimular a troca das impressões sobre a leitura.

4. estimular a participação do público na contação

5. estimular sugestões de textos e autores para os próximos encontros. Informar os outros textos que a biblioteca possui sobre o tema e/ou autor.

6. garantir diversidade aos textos apresentados.

7. realizar a avaliação da atividade a partir da coleta de depoimentos e/ou aplicação de questionários. Acompanhar pelo sistema da biblioteca se os participantes aumentaram o volume de livros que pegou emprestado.

Recursos necessários: Atores e/ou arte-educadores para realizarem a contação, livros impressos ou digitais.

Tipo de atividade: Exposições Literárias

Exposições literárias são atividades que se utilizam dos recursos das artes visuais para divulgar a vida e obra de um autor, ou um tema literário. São resultado de pesquisa e fazem

uso de diversas linguagens como fotografia, pintura, objetos pessoais, publicações antigas, ou raras, recursos tecnológicos. É imprescindível a presença de um mediador para que os conteúdos expostos possam ser apreendidos pelos participantes.

Objetivos:

- Apresentar a vida e obra de um autor, ou um tema literário.
- Incentivar o conhecimento do repertório de livros da biblioteca
- Apresentar a literatura com o uso de outras linguagens.
- Incentivar a leitura.
- Estimular a leitura com o recurso de outras linguagens.

Conteúdo: Livros de literatura brasileira e universal, com destaque para a literatura brasileira, atentando para as temáticas que se pretende abordar e o público-alvo.

Público-alvo: costumam ser planejadas para atingir um público amplo e abrangente.

Duração: dia/semanas/meses.

Avaliação: As avaliações das exposições literárias podem ser feitas a partir de coleta de depoimentos dos participantes e com questionários que devem estar dispostos no mesmo espaço da exposição. Importante acompanhar pelo sistema da biblioteca a evolução de empréstimos de livros no cadastro de usuários.

Planejamento da atividade:

1. pesquisar e selecionar os textos que serão expostos e delimitação e abordagem que se pretende, além das linguagens que poderão ser empregadas.
2. pesquisar fornecedores/parceiros de outras áreas para a produção da exposição.
3. considerar a interatividade na exposição.
4. realizar a avaliação da atividade a partir da coleta de depoimentos e/ou aplicação de questionários. Acompanhar pelo sistema da biblioteca se os participantes aumentaram o volume de livros que pegou emprestado.

Recursos necessários: Apenas podem ser previstos após a determinação dos itens acima mencionados.

A seguir apresentamos algumas considerações sobre este percurso percorrido para esta pesquisa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou investigar se as ações de mediação da leitura realizadas pelas bibliotecas do Sesc resultavam no maior envolvimento dos participantes destas atividades com o livro e a leitura, comprovado por uma maior frequência de empréstimos de livros realizados por estes participantes. Buscou-se investigar na literatura das áreas da Ciência da Informação, Comunicação e Pedagogia se as atividades de leitura, ao aumentarem a capacidade leitora dos participantes, também contribuía para o letramento informacional.

Buscou-se traçar relações entre os conceitos de letramento, letramento informacional, multiletramentos e mediação pedagógica para verificar de que forma a apropriação dos conteúdos referentes às diversas práticas de letramento são colaborativas para a elaboração de propostas de mediação da leitura, enriquecendo-as de sentido e objetivos. Refletiu-se sobre o papel do bibliotecário como mediador da leitura e as possibilidades de incremento das suas atividades a partir de um maior envolvimento com as pesquisas da área de leitura e informação.

Investigou-se a necessidade do aumento de pesquisas sobre Mediação da leitura, Mediação da informação e Mediação Cultural na área da Ciência da Informação. Com o objetivo de investigar as ações de mediação realizadas pelas bibliotecas da rede Sesc, aplicou-se um questionário *In loco* nas bibliotecas do Sesc Ceilândia – DF, Santo Antonio de Jesus – BA, Escola Sesc de Ensino Médio – RJ. Estas bibliotecas foram selecionadas pelo grande número de atendimento de realizam, pelas atividades que oferecem, se destacando entre as bibliotecas da rede.

Objetivou-se com esse trabalho mapear as ações que são realizadas pelas bibliotecas Sesc que possam ser consideradas como mediação da leitura, para propor-lhes uma sequência didática, que sistematize suas etapas e garanta melhores verificações em termos de eficácia do que foi realizado. A partir deste trabalho, elaborou-se um material com indicações que sirvam para os funcionários que trabalham com atividades de leitura no Sesc, para os mediadores contratados e também para outros atores sociais que fazem da promoção da leitura um campo de trabalho. Compreendendo que, pela tradição em oferecer atividades de leitura, pela capilaridade de sua extensa rede de bibliotecas e pelas relações que o Sesc estabelece com vários atores sociais envolvidos com a leitura, seu “modo” de promover a leitura é um modelo, que forma profissionais funcionários e contratados, como também forma leitores, o que leva a concluir que aprimorar e divulgar estes modelos interferem em certa medida na

forma como as ações de promoção da leitura são realizadas no Brasil.

Com este trabalho pode-se verificar, a partir da base teórica, a importância das atividades de mediação da leitura como colaboradoras para o letramento literário e para o letramento informacional. Identificou-se a partir da análise dos trabalhos apresentados no ENANCIB, no grupo GT 03 – Mediação, circulação e apropriação, que embora, como levantam os autores pesquisados, o volume de pesquisas sobre mediação da leitura e mediação cultural em bibliotecas ainda não seja o ideal, já se identifica o interesse por esses temas em pesquisas que atestam que diante dos desafios atuais da educação e da cultura, tais como, no caso brasileiro, comprovado em pesquisas, as altas taxas de analfabetismo funcional e o desinteresse pela leitura e por hábitos culturais de lazer, as práticas de mediação da cultural e, mais especificamente, de mediação da leitura, representam grandes aliadas para a formação de leitores mais críticos.

Em relação à aplicação desta pesquisa, considera-se que o Sesc, por se tratar de uma instituição de abrangência nacional, com autonomia regional, local para o estabelecimento das suas práticas e delegando às gerências do seu Departamento Nacional uma função consultiva e de direcionamento de ações, exige estudos mais abrangentes e exaustivos, que considerem características locais e cruzamentos das ações com os dados de empréstimo de livros dos usuários participantes. Este estudo inicial deve ser considerado apenas como um sinalizador sobre as lacunas existentes entre as crenças dos bibliotecários (100 % informam que acreditam que as atividades de mediação levam ao empréstimo de livros), e as práticas, pois os mesmos bibliotecários informam que ou não realizam atividades de avaliação, ou a realizam de forma precária, logo, não há comprovação de que as atividades refletem no aumento do envolvimento do participante com a leitura, acrescenta-se as afirmações de participantes que embora avaliem positivamente as atividades de leitura, nem todos se sentem motivados a pegarem livros emprestados.

Analisando esta pesquisa a partir das especificidades de um mestrado profissional, convém refletir sobre os impactos que a interrupção do meu contrato de trabalho, após 12 anos na mesma instituição causou, pois limitou meu acesso a dados, assim como ao recebimento de outros questionários aplicados. Neste sentido, cabe uma reflexão, sobre as tensões enfrentadas durante este tempo de experiência, algumas relacionadas ao papel do bibliotecário como mediador cultural, que realiza atividades de mediação da leitura com uso de linguagens como teatro, música, cinema, exposição e até mesmo literatura, ainda entendidas por muitos profissionais como do território da produção cultural e que, por este motivo, não devem ser realizadas por bibliotecários, o que revela uma situação paradoxal em que se encontra, em muitos casos, o bibliotecário mediador cultural. Se por um lado, as novas configurações sociais

e culturais, como apontado nesta pesquisa, requerem desse profissional uma expansão de suas atuações, por outro, ainda em muitos casos, tanto na área de educação, assim como na área de cultura, há uma tentativa constante de deslegitimação deste profissional nestas atuações de mediação cultural, os mantendo ainda presos a imagem do profissional que, ainda, apenas é responsável pelo processamento técnico, organização e empréstimo de livros.

Por este motivo, considera-se que a mediação cultural realizada por bibliotecários, além de ser um campo de estudo que deverá ser mais promovido através de pesquisas e nas grades curriculares, também precisará ser conquistado no mercado de trabalho, junto com a mudança do imaginário social sobre este profissional. Precisar ser conquistado, principalmente porque, devido sua formação, primordialmente voltada para a democratização da leitura e da informação, em um país com baixos níveis de igualdade educacional e cultural, é o bibliotecário um dos profissionais mais habilitados para colaborar com atividades que promovam nos indivíduos as possibilidades de serem autônomos e críticos na busca e uso da informação e de desenvolverem as capacidades leitoras de livros, de si, do outro e do mundo, sendo estes passos imprescindíveis que estes indivíduos tenham mais capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejem ser.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. 8.ed. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; Bortolin, Sueli. **Mediação da Informação e da Leitura**, 2007. In: II Seminário em Ciência da Informação - UEL, Londrina, 2007.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; BORTONI, Sueli. Mediação da literatura para leitores ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.19, n.1, p.207-226, jan. /mar. 2014.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da informação e do conhecimento. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98 – 116, mai./ago. 2014.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2008.
- ALMEIDA, Marco Antonio. **Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito**. VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2007.
- ALMEIDA, Marco. Antonio. **Informações e mediações: considerações em torno de Latour e Becker**. In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (Orgs.) Os pensadores e a Ciência da Informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2012
- ALMEIDA, Marco Antonio de; CRIPPA, Giulia. **Informação, cultura e tecnologia: novas mediações para a produção e o consumo cultural**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. Anais... Paraíba: UFPB, 2009.
- ALMEIDA, Marco Antonio de. Mediações da Cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1. 2008.
- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. Distrito Federal: Briquet Lemos, 2005.
- ALMEIDA, M. C. B. A ação do bibliotecário: grandeza de um papel e limitações da prática. **Revista Brasileira Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 20, n. 1 – 4, p. 31 – 38, jan./dez., 1987
- BARBOSA, Begma Tavares. Letramento literário: sobre a formação escolar do leitor jovem. **Educação em foco**, Juiz de Fora. Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 145-167 mar. / ago. 2011.
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCH, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série, São Paulo, v.4, n.2, p. 35-45, jan./jun. 2008.

BEDÊ, Judith Apda de Souza; FERENC, Lissa Cristina Pimentel; RUIZ, Ivan Aparecido. Estudos preliminares sobre mediação. **Revista Jurídica Cesumar**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 163-177, jan./jun. 2008.

BERNI, Regiane Ibanhez Gimenes. **Mediação**: o conceito vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. Simpósio Internacional de Educação a Distância e Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_334.pdf

BORTOLIN, Sueli. **A leitura literária nas bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

BORTOLIN, S. **Mediação oral literária: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação da informação**: outras definições. OFAJ, 2013. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=785

BORTOLIN, Sueli. **A quem cabe mediar a leitura?** In: Cole. Congresso de leitura do Brasil, 13.,2001, Campinas. Disponível em: <http://www.mundoquele.ofaj.com.br/Textos/Texto4.doc>

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. **A mediação oral da literatura, o bibliotecário**: voz, corpo, espaço e presença. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2011.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco. Mediação da leitura para leitores-ouvintes. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.207-226, jan./mar. 2014

BRAGA, Kátia Soares. **Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciências da Informação**. In: MUELLER, Suzana P. M. Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília, Thesaurus, 2007.

BRITO, Luiz Percival Leme. **Biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural**: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45

CALAZANS, Angélica Toffano Seidel. **Estudo de caso – uma estratégia de pesquisa**. In: MUELLER, Suzana P. M. Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação. Brasília, Thesaurus, 2007.

CALDIN, C. F. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. Encontros Bibli: **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 13, p. 25-38, 2002

CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. São Paulo: Autêntica, 1989.

- CAMPELLO, Bernadete Santos. **Letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico.** – 2008. 208 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais.
- CAMPELLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 15, n. 29. 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura. **Remate de Males.** Campinas, 1999.
- CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia. & Comunicação.**, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.
- CARVALHO, Maria da Conceição. **Escola, biblioteca e leitura.** In: CAMPELLO, Bernadete S. et al. A biblioteca escolar: temas para prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CARVALHO, N. C. **Leitura literária: o processo de comunicação literária e a formação do leitor crítico.** In: AGUILERA, V. A.; LIMOLI, L. (Org.). Entrelinhas, entretelas: os desafios da leitura. Londrina: Ed. UEL, 2001. p. 53-63.
- CASTRILLON, Sílvia. **Por qué leer y escribir.** Bogotá: Instituto Distrital Cultura Y Turismo, 2006.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.
- COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural.** São Paulo: Brasiliense, 2005.
- COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001.** São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração.** 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.
- CRIPA, Giulia. **O pensamento e a mediação da informação institucional em bibliotecas públicas: considerações teóricas sobre mediação de gênero.** XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2010.
- DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com – Revista de Ciências e Tecnologias de informação e comunicação.** Porto, n. 4, 2007.
- DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. **Mediação da informação e estudos de usuários: inter-relações.** XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2011.
- FUGUEREDO, Márcia; COTA, Leandro Martins. **Mediação e usuário de bibliotecas na Ciência da Informação: apontamentos para estudo da questão.** XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2011.

- FISHER, Fernando. **Marketing cultural**: uso e prática em empresas brasileiras. Rio de Janeiro, 1998. 198 f. Tese (Mestrado em administração) - Instituto de pós-graduação e pesquisa em administração - COPPEAD, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- FREIRE, Isa Maria. Editorial. **Ciência da Informação.**, Brasília, DF, v.43 n.2, p.171-319, maio/ago., 2014
- GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39 n. 3, p.83- 92, set. /dez., 2010.
- GELLEREAU, Michèle. Pratiques culturelles et médiation. In: OLIVESI, Stéphane (dir.). **Sciences de l'information et de la communication**: objets, savoirs, discipline. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 2006.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GOMES, Henriette Ferreira; SANTOS, Raquel Rosário. **Bibliotecas universitárias e a mediação da informação no ambiente virtual**: informações, atividades e recursos de comunicação disponíveis em sites. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIV ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2008.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008
- HÁBITO de lazer cultural do brasileiro. Fercomércio. 2015.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da linguagem. 5. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARTINS, Ana. Amélia Lage. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte.
- MARTINS, Ana. Amélia Lage. **Mediação e bibliotecas públicas**: uma perspectiva dialética. Perspectivas em ciência da informação. Belo Horizonte. v.19, out. /dez. 2014
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. 2. ed. São Paulo: **Intermeios**, 2012. 162 p.
- MARTELETO, R. M.; COUZINETE, V. Mediações e dispositivos de informação e Comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares intercruzados. RECIIS – **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 7, n. 2, jun. 2013
- MARTELETO, Regina. **Jovens, violência e saúde**: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. VII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência

da Informação (VII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2006.

MARTINHO, Maria Teresa Duarte. **Mediação cultural**: alguns dos seus agentes, 2011, 289 f. Tese (doutorado em sociologia). Escola de Sociologia e Políticas Públicas. Instituto Universitário de Lisboa.

MATTERLART, Armand; MATTELART, Michèle. **Histórias das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

MILANESI, L. **Biblioteca**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MÓDULO da programação da atividade de biblioteca. Rio de Janeiro: sesc, Departamento Nacional, 2015.

MÓDULO da programação da atividade de literatura. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015.

MOSTAFA, Solange Puntel. Conhecimento, informação e meios de transmissão cultural. **Informação & Sociedade: estudos**. João Pessoa, v.22, n.3, p. 95-100, set. /dez. 2012.

MUYLAERT, Roberto. **Marketing cultural & comunicação dirigida**. São Paulo: Globo, 1993.

NÓBREGA, N. G. **No espelho, o trickster**. In: SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, J. C.; ROSING, Tania M. K. Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, Amanda Leal. **A mediação da informação como experiência de negociação de sentidos**. XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2011.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PASCHOAL, Sônia Barreto de Novaes Paschoal. **Mediação cultural dialógica com crianças e adolescentes**: oficinas de leitura e singularização. São Paulo, 2011, 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLANO Nacional do Livro e da Leitura. Distrito Federal: Ministério da Cultura, 2006. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/pnll>

QUINTELA, Pedro. Estratégias de mediação cultural: Inovação e experimentação no Serviço Educativo da Casa da Música. **Revista crítica de ciências sociais**. n. 94, 2011.

RANKE, Maria da Conceição de Jesus; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Breves considerações sobre fruição literária na escola. **Entreletras**. n. 3, 2011.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**, 2013, 170 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Marília, 2013.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Formentini. **Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais**. XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2015.

RASTELI, Alessandro; CALDAS, Rosângela Fermentini. **Cultura, ação e mediação cultural em bibliotecas**. III Encontro de pesquisa em informação e mediação. Marília, Unesp. 2015.

RELATÓRIO de gestão Sesc 2015. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional. 2015.

RETRATOS da leitura no Brasil. 4. ed. Instituto Pró-livro. 2016.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANCHES, Gisele A Ribeiro; RIO, Simonar Ferreira do. Mediação da informação no fazer bibliotecário e seu processo em bibliotecas universitárias no âmbito das ações culturais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 2, 2010.

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **O conceito de mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários**. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2014.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. **Políticas de promoção da leitura**. In: RIBEIRO, Vera Masagão(org). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 2003.

SIGNATES, Luis. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos olhares**. São Paulo, n. 2, 1998.

SILVA, Maria da Conceição. **Mediação da leitura**. O caso Sesc vem ler, Salvador, 2012, 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFBA / Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, 2012.

SIQUEIRA, Ivan Cláudio Pereira. **Information Literacy: uma abordagem terminológica**. XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2012.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003. p. 89-113.

SOARES, Magda. **Formação de leitores: introdução ao mundo da leitura literária**. In: PRADO, Jason; DINIZ, Júlio. **Vivências de leitura: quem são e o que dizem as pessoas que estão escrevendo a história da leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Leila Brasil, 2007.

SOUSA, Maria Isabel de Jesus. **Leitura escolarizada: entrecruzando olhares sobre a prática leitora na sala de aula e na biblioteca**. IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (IX ENANCIB). ISSN 2177-3688. GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação. 2008.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, port., n. 8, p. 451-464, 2006.

VALE-Cultura. Distrito Federal: Ministério da Cultura, 2015. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/valecultura>

ZABALA, Antonio. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Rio de Janeiro: AYMARA, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA BIBLIOTECÁRIOS

1. Qual o seu nível de escolaridade?
 - () Graduação
 - () Especialização
 - () Mestrado
 - () Doutorado
 - () Pós-doutorado

2. Quantos livros de Literatura você lê anualmente?
 - () Nenhum
 - () 1
 - () 2
 - () Mais que 2
 - () Mais que 5
 - () Mais que 10

3. Durante sua formação, você estudou conteúdos sobre mediação da leitura?
 - () Sim
 - () Não

4. Cite como obteve conhecimentos para o planejamento de realização de atividades de mediação da leitura?
 - () Formação acadêmica
 - () Capacitações internas
 - () Estudo autônomo
 - () Outro(s): _____

5. Quais critérios você utiliza para elencar as atividades que serão propostas?
 - () Público que pretende atingir
 - () Resposta de público de atividades similares
 - () Avaliação das atividades anteriores em relação aos métodos e resultados.

6. Você utiliza algum esquema didático para a elaboração da atividade?

Sim.

Não

Qual? _____

7. Assinale os elementos que você leva em conta para construir sua atividade:

Objetivo

Justificativa

Meta

Cronograma

Tempo de duração

Público-alvo

Experiência em outras atividades

Outro(s): _____

8. O que você mais leva em consideração na elaboração das atividades?

Público-alvo

Tema

Solicitação da Unidade

Experiência em outras atividades

Outro(s): _____

9. Quanto tempo em média você dedica para elaborar a proposta de atividade?

1 hora

2 horas

3 horas

Mais que 3 horas

Mais que 5 horas. Quantas? _____

10. Que tipos de pesquisas você faz para elaborar a atividade?

Internet

Livros

Redes sociais

Outro(s): _____

11. Cite os recursos que você considera importantes nas atividades de mediação.

- Livros
- Encenação
- Dispositivos para leitura digital
- Outro(s): _____

12. Quais critérios você utiliza para contratar mediadores de leitura?

- Informações de outros bibliotecários do Sesc
- Currículo dos mediadores
- Valor cobrado para realização da atividade
- Outros(s): _____

13. Marque ações que você considera importantes para alcançar seus objetivos?

- Adequação da atividade ao público-alvo
- Divulgação do evento
- Realização de atividades prévias de mediação com o público-alvo informando sobre o conteúdo que será trabalhado na atividade
- A abordagem ao convidar para a atividade
- Outro(s): _____

14. Você realiza alguma ação avaliativa da atividade realizada?

- Sim
- Não
- Qual? _____

15. Como fica sabendo se alcançou o seu objetivo na atividade aplicada?

- Aplico um questionário aos participantes
- Vejo a reação das pessoas envolvidas
- Sigo minha intuição
- Outro(s): _____

16. Você considera que as atividades de mediação da leitura estimulam o uso dos livros da biblioteca?

Sim

Não

De que forma: _____

17. Descreva a seguir uma ação que, no seu julgamento, seu objetivo foi alcançado.

Informe o tema, tempo de duração, público-alvo e o objetivo alcançado. Sinta-se à vontade para usar o espaço que quiser para responder.

Ano de aplicação da ação:

Unidade do SESC:

Descrição:

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA MEDIADORES DE LEITURA

1. Qual seu nível de escolaridade?

- Ensino Médio
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós-graduação
- Outro(s): _____

2. Qual a sua área de atuação?

3. Qual a sua profissão?

4. Há quanto tempo você realiza atividades nos projetos do Sesc?

- De 1 a 2 meses
- De 3 a 4 meses
- De 5 a 6 meses
- Mais de um semestre
- Quase 1 ano
- Mais do que um ano. Quanto tempo? _____

5. Como toma conhecimento dos projetos que o Sesc desenvolve?

- Entra em contato para saber
- É convidado pelo Sesc para participar do projeto
- Outro(s): _____

6. Você utiliza algum esquema didático para a elaboração da atividade?

- Sim.
- Não
- Qual? _____

7. Assinale os elementos que você leva em conta para construir sua atividade:

- Objetivo
- Justificativa
- Tempo de duração
- Experiência em outras atividades
- Outro(s): _____

8. O que você mais leva em consideração na elaboração das atividades?

- Público-alvo
- Tema
- Solicitação do bibliotecário
- Outro(s): _____

9. Quanto tempo em média você dedica para elaborar a proposta de atividade?

- 1 hora
- 2 horas
- 3 horas
- Mais que 3 horas
- Mais que 5 horas. Quantas? _____

10. Que tipos de pesquisas você faz para elaborar a atividade?

- Internet
- Livros
- Redes sociais
- Outro(s): _____

11. Marque ações que você considera importantes para alcançar seus objetivos?

- Adequação da atividade ao público-alvo
- Divulgação do evento
- Realização de atividades prévias de mediação com o público-alvo informando sobre o conteúdo que será trabalhado na atividade
- A abordagem ao convidar para a atividade
- Outro(s): _____

12. Você realiza alguma ação avaliativa da atividade realizada?

Sim

Não

Qual? _____

13. Como fica sabendo se alcançou o seu objetivo na atividade aplicada?

Aplico um questionário aos participantes

Vejo a reação das pessoas envolvidas

Sigo minha intuição

Outro(s): _____

14. Você costuma procurar o SESC para oferecer suas atividades?

Às vezes

Com frequência

Sempre

Nunca

Quase nunca

Comentário: _____

15. Descreva a seguir uma ação que, no seu julgamento, seu objetivo foi alcançado.

Informe o tema, tempo de duração, público-alvo e o objetivo alcançado. Sinta-se à vontade para usar o espaço que quiser para responder.

Ano de aplicação da ação:

Unidade do SESC:

Descrição:

16. Como você entende que a mediação da leitura estimula o hábito de ler e quais aspectos que você considera importante nesta tarefa?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO PARA PARTICIPANTES

1. Você é comerciante?
 Sim Não
2. Qual é a sua profissão?
3. Qual o seu nível de escolaridade?
 Da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental (antigo primário)
 Da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental (antigo ginásio)
 Ensino Médio (antigo 2º grau)
 Ensino Superior
 Pós-Graduação
4. Como fica sabendo das atividades do SESC?
 Folheto
 Página do SESC
 Convite por email do próprio SESC
 Convite de um amigo
 Outro(s): _____
5. O que você prioriza ao buscar participar de uma atividade de leitura no SESC?
 Estímulo à leitura
 Fruição Literária
 Informação
 Lazer
 Convivência
 Outro(s): _____
6. Cite uma atividade de leitura do Sesc da qual você participou no último ano?
7. Como você avalia esta atividade citada?
 Ruim
 Regular
 Boa
 Ótima
 Excepcional
 Comentário: _____
8. Teria alguma sugestão de mudança nesta atividade?
 SIM. Qual: _____
 NÃO
9. A atividade de que você participou lhe motivou a ler algum livro?
 SIM
 NÃO

10. Caso a resposta tenha sido afirmativa, informe o nome da atividade e o título do livro que você pegou emprestado?
1. Atividade
 2. Título do livro
11. Você tem interesse em participar de outra atividade de leitura do SESC?
- SIM
 NÃO
12. De qual atividade gostaria de participar?
- Roda de leitura
 Contação de história
 Dramatização de textos literários
 Encontros com autores
 Exposições literárias
 Mostra de filmes
 Outro(s): _____
13. Você costuma procurar o SESC para participar das atividades?
- Às vezes
 Com frequência
 Sempre
 Nunca
 Quase nunca
Comentário: _____
14. Você se sente motivado a ler livros após participar de alguma das atividades oferecidas pelo SESC?
- SIM
 NÃO
 Depende
Comentário: _____
15. Descreva a seguir a atividade da qual você mais gostou de participar. Sinta-se à vontade para usar o espaço que quiser para responder.
Ano de aplicação da ação:
Unidade do SESC: